

LIVRO 5 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT  
JORDAN  
AS CHAMAS  
DO PARAÍSO



"COM *A RODA DO TEMPO*, JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR  
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



AS CHAMAS  
DO PARAÍSO





ROBERT  
JORDAN

AS CHAMAS  
DO PARAÍSO

LIVRO 5 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE  
RAFAEL MIRANDA RODRIGUES

  
intrínseca

Copyright © 1993 by Robert Jordan  
Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associated Inc.  
“The Wheel of Time®”, “The Fires of Heaven™” e o símbolo da  
roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan.  
Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL  
The Fires of Heaven

EDIÇÃO  
Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO  
Beatriz D'Oliveira

REVISÃO  
Rayssa Galvão  
Júliana Werneck

REVISÃO TÉCNICA  
Felipe Villela

DIAGRAMAÇÃO  
Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

IMAGEM PÁGS. 2 E 3  
Shutterstock.com

MAPAS  
Ellisa Mitchell e Thomas Conty

ADAPTAÇÃO DO MAPA  
Babilonia Cultura Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J69c

Jordan, Robert

As chamas do paraíso / Robert Jordan ; tradução Rafael  
Miranda. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

912 p. ; 23 cm. (A Roda do Tempo ; 5)

Tradução de: The fires of heaven

ISBN 978-85-8057-985-7

1. Ficção americana. I. Miranda, Rafael. II. Título. III. Série.

16-33332

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

## PRÓLOGO



### CAEM AS PRIMEIRAS CENTELHAS

Elaida do Avriny a’Roihan, sentada diante da enorme escrivaninha, passava os dedos, absorta, pela estola de sete cores sobre os ombros — a estola do Trono de Amyrlin. À primeira vista, muitos a considerariam bela, mas um olhar mais atento deixava claro que a expressão austera em seu rosto de idade indefinida, típico de uma Aes Sedai, não era passageira. Naquele dia, ainda havia algo mais, um traço de raiva em seus olhos escuros. Ninguém tinha percebido.

Ela mal dava ouvidos às mulheres sentadas nos bancos à sua frente, mulheres com vestidos de todos os tons, do branco ao vermelho mais escuro, de seda ou de lã, conforme ditasse o gosto de cada uma. Mesmo com a variedade, apenas uma não trajava o xale formal com a Chama Branca de Tar Valon bordada nas costas e a franja colorida que indicava a Ajah, como se aquela fosse uma reunião no Salão da Torre. Discutiam as notícias e os rumores sobre os acontecimentos do mundo e tentavam separar a realidade da ficção para decidir como a Torre deveria agir, mas raramente olhavam na direção da mulher atrás da escrivaninha, a quem tinham jurado obedecer. Elaida não conseguia se concentrar nelas. Aquelas mulheres não sabiam o que era realmente importante. Ou melhor, sabiam, mas tinham medo de tocar no assunto.

— Parece que tem alguma coisa acontecendo em Shienar — disse Danelle, uma mulher franzina que vivia perdida em devaneios, a única irmã Marrom presente. Também só havia uma irmã Verde e uma Amarela, e nenhuma das três Ajahs parecia contente com isso. Não havia Azuis. Os grandes olhos azuis de Danelle pareciam pensativos. Havia um leve borrão de tinta em sua bochecha, e o vestido cinza-escuro de lã estava amarrotado. — Há rumores de conflitos.

Não com Trollocs e nem com os Aiel, embora os ataques em Passos de Niamh pareçam estar mais frequentes. Entre os próprios shienaranos. Algo incomum para as Terras da Fronteira. É raro eles lutarem entre si.

— Se o que eles querem é guerra civil, escolheram a hora certa — opinou Alviarin, com voz tranquila. Alta, esbelta e toda vestida de seda branca, ela era a única sem xale. A estola de Curadora em seus ombros era da mesma cor, indicando que a mulher provinha da Ajah Branca, e não da Vermelha, antiga Ajah de Elaida, como ditava a tradição. As Brancas eram sempre frias. — Parece que os Trollocs sumiram. A Praga está tão calma que dois fazendeiros e uma noviça dariam conta de vigiá-la.

Os dedos ossudos de Teslyn folheavam um maço de papéis em seu colo, embora ela mal os olhasse. Era uma das quatro irmãs Vermelhas presentes — mais do que de qualquer outra Ajah —, e quase tão austera quanto Elaida, apesar de jamais ter sido considerada bela por ninguém.

— No caso, talvez essa calma seja mau sinal — opinou Teslyn com seu sotaque illianense carregado. — Recebi uma mensagem hoje de manhã informando que o exército do Marechal-General de Saldaea foi posto em marcha. Nem é para a Praga, no caso, mas na direção oposta. Sudeste. Ele nunca faria isso sem achar que a Praga está hibernando.

— Então a notícia sobre Mazrim Taim vazou. — Alviarin parecia estar discutindo o clima ou o preço dos tapetes, e não um desastre em potencial. Muito esforço fora feito para capturar Taim, e as Aes Sedai tentaram com o mesmo empenho ocultar as notícias de sua fuga. Não seria nada bom para a Torre se o mundo inteiro ficasse sabendo que elas não haviam conseguido manter um falso Dragão preso após sua captura. — E parece que alguém do reino; a Rainha Tenobia, Davram Bashere, ou ambos; crê que não se pode confiar na Torre para lidar com ele de novo.

À menção a Taim seguiu-se um silêncio sepulcral. O homem era capaz de canalizar e estava a caminho de Tar Valon para ser amansado e apartado de vez do Poder Único quando fora resgatado, mas não foi isso que calou aquelas bocas. No passado, a existência de homens capazes de canalizar fora o pior dos anátemas, e caçá-los era o principal objetivo das Vermelhas, que recebiam toda a ajuda possível das outras Ajahs. Naquele momento, porém, a maioria das mulheres em torno da escrivanhinha se remexia, inquietas, evitando contato visual, já que falar de Taim trazia à tona outro assunto no qual não queriam tocar. Até Elaida sentiu o estômago se revirar.

Aparentemente, Alviarin não se sentia tão relutante em falar. O canto de sua boca se curvou em um rápido movimento que poderia ser tanto um sorriso quanto uma careta.

— Vou redobrar os esforços para recapturar Taim e sugiro que uma irmã seja enviada para servir como conselheira de Tenobia. Alguém acostumada a lidar com a teimosia das mulheres jovens.

As outras logo ajudaram a preencher o silêncio.

Joline ajustou o xale de franja verde nos ombros magros e sorriu, ainda que o gesto parecesse um tanto forçado.

— Sim, a Rainha precisa de uma Aes Sedai a seu lado. Alguém que consiga dar conta de Bashere. Ele exerce uma influência enorme sobre Tenobia. E precisa deslocar seu exército de volta para um local onde possa ser útil caso a Praga desperte. — A abertura em seu xale exibia um decote mais revelador do que o apropriado, e a seda verde clara era muito justa, bem colada ao corpo. Além disso, ela sorria demais para o gosto de Elaida, em especial para os homens. As Verdes eram sempre assim.

— A última coisa de que precisamos é outro exército em marcha — apressou-se a dizer Shemerin, a irmã Amarela. Ela era um pouco rechonchuda, e jamais havia conseguido dominar a placidez típica das Aes Sedai. Seus olhos sempre transmitiam certa ansiedade, ainda mais ultimamente.

— E temos que mandar alguém para Shienar — completou Javindhra, outra Vermelha. Apesar das maçãs do rosto robustas, a expressão na face angulosa era dura o bastante para martelar pregos, e a voz, áspera. — Não gosto desse tipo de problema nas Terras da Fronteira. A última coisa de que precisamos é que Shienar se enfraqueça a ponto de permitir a invasão de um exército Trolloc.

— Talvez — concordou Alviarin, pensativa. — Mas há agentes em Shienar. Vermelhas, certamente, mas talvez também de outras Ajahs. — As quatro irmãs Vermelhas assentiram, relutantes, mas ninguém as acompanhou. — Elas podem nos alertar caso esses pequenos conflitos se tornem mais preocupantes.

Não era segredo algum que todas as Ajahs, exceto a Branca, devotada à lógica e à filosofia como era, possuíam informantes espalhados em diferentes esferas por todas as nações, embora a rede da Amarela fosse considerada lastimável. Não havia nada sobre doenças ou Cura que elas pudessem aprender com quem não era capaz de canalizar. Algumas irmãs tinham informantes particulares, talvez mais secretos que os agentes oficiais das Ajahs. As Azuis detinham a maior rede, tanto oficial quanto pessoal.

— Quanto a Tenobia e Davram Bashere — continuou Alviarin —, estamos de acordo que alguma irmã deve tratar deles? — Ela quase não esperou que assentissem. — Ótimo. Assunto encerrado. Memara dará conta disso. Ela



não vai aceitar disparates de Tenobia, nem vai deixá-la perceber que está sendo manipulada. Agora... alguém teve notícias de Arad Doman ou Tarabon? Se não agirmos logo, pode ser que Pedron Niall e os Mantos-brancos debandem de Bandar Eban para a Costa da Sombra. Sabe de algo, Evanellein?

Arad Doman e Tarabon tinham sido arrasadas por guerras civis e coisas piores. O caos era generalizado. Elaida ficou surpresa por o assunto ter surgido.

— Só boatos — respondeu a irmã Cinza. Seu vestido de seda, que combinava com a franja do xale, era muito requintado e tinha um decote profundo. Elaida achava que a mulher deveria ter sido Verde, já que se preocupava tanto com roupas e aparência. — Quase todos os habitantes daquelas pobres áreas viraram refugiados, incluindo os que poderiam mandar notícias. A Panarca Amathera parece ter desaparecido, e tudo indica que uma Aes Sedai estava envolvida...

Elaida agarrou a estola a força. Seu rosto nada demonstrava, mas os olhos ardiam feito fogo. O assunto do exército de Saldaea estava encerrado. Ao menos Memara era Vermelha, o que a surpreendera, mas ninguém tinha pedido sua opinião. Assunto encerrado. A possibilidade alarmante de que uma Aes Sedai estivesse envolvida no desaparecimento da Panarca — caso essa não fosse mais uma das milhares de histórias improváveis vindas da costa oeste — não era o bastante para desviar seu pensamento daquilo. Havia Aes Sedai espalhadas desde o Oceano de Aryth até a Espinha do Mundo, e das Azuis, pelo menos, podia-se esperar qualquer coisa. Menos de dois meses antes, todas aquelas mulheres se ajoelharam para jurar fidelidade a Elaida, que representava a Torre Branca, mas aquela decisão fora tomada sem que sequer lhe dirigissem um olhar.

Apesar de ficar em um dos níveis mais baixos da Torre Branca, o gabinete da Amyrlin era o coração do lugar — assim como a própria Torre, com sua cor de osso embranquecido, era o coração da grande cidade-ilha de Tar Valon, circundada pelo rio Erinin. E Tar Valon era, ou deveria ser, o coração do mundo. O aposento emanava o poder exercido pela longa linhagem de mulheres que o havia ocupado, com piso de pedra vermelha polida das Montanhas da Névoa, uma enorme lareira de mármore dourado de Kandori e paredes de uma madeira pálida, com listras exóticas, maravilhosamente entalhada há mais de mil anos com animais selvagens e pássaros desconhecidos. Pedras reluzentes como pérolas emolduravam as altas janelas em arco que davam para a varanda com vista para o jardim particular da Amyrlin. Era o único lugar onde essa pedra podia ser encontrada, resgatada de uma cidade sem nome que fora engolida pelo Mar das Tempestades durante a Ruptura do Mundo. Um aposento poderoso, reflexo de

Amyrlins que, por quase três mil anos, tinham feito tronos se curvarem à sua vontade. E sequer fora consultada.

Desrespeitos desse tipo aconteciam com uma frequência grande demais. Pior ainda — e talvez o mais duro de engolir —, as mulheres usurpavam a autoridade de Elaida sem se dar conta. Todas sabiam como obtivera o direito de usar a estola, e sabiam que, sem o auxílio delas, a peça não estaria em seus ombros. A própria Elaida tinha plena consciência disso. No entanto, as mulheres tinham ido longe demais. Em pouco tempo, seria hora de tomar alguma providência. Mas ainda não.

Elaida já dera ao gabinete o máximo possível de seu toque pessoal, acrescentando uma escrivaninha ornada com um entalhe de três anéis entrelaçados e uma cadeira robusta cujo espaldar alto era encrustado com a chama de Tar Valon em marfim. Sobre a escrivaninha, precisamente equidistantes uma da outra, encontravam-se três caixas de laca altarana, e uma delas continha as melhores peças de sua coleção de estatuetas. Um pedestal simples fora disposto diante de uma das paredes, sustentando um vaso branco cheio de rosas vermelhas que perfumavam o ambiente com uma fragrância doce. Não caíra sequer uma gota de chuva desde que ela fora empossada, mas sempre dava para arranjar belas flores por meio do Poder, e Elaida sempre gostara delas. Era bem fácil podá-las e treiná-las para produzir beleza.

Havia duas pinturas posicionadas de maneira que, sentada, bastava Elaida erguer a cabeça para vê-las. As demais mulheres evitavam encarar as obras. Entre todas as Aes Sedai presentes no gabinete, apenas Alviarín atrevera-se a dar uma olhadela.

— Alguma novidade sobre Elayne? — perguntou Andaya, hesitante. Magra feito um passarinho e de aparência tímida, apesar das feições de Aes Sedai, à primeira vista ninguém diria que a Cinza era uma boa mediadora, mas, na verdade, ela era uma das melhores. Seu sotaque ainda tinha resquícios tarabonianos. — Ou sobre Galad? Se descobrir que perdemos o enteado dela, a Rainha Morgase, ela talvez comece a fazer mais perguntas sobre o paradeiro da filha, sim? E se ela souber que perdemos a Filha-herdeira, Andor pode ficar tão fechada para nós quanto Amadícia.

Algumas mulheres balançaram a cabeça. Não havia novidades.

— Uma irmã Vermelha está a postos no Palácio Real. Como foi elevada há pouco tempo, consegue disfarçar que é Aes Sedai — disse Javindhra, querendo dizer que tal mulher ainda não incorporara a expressão de idade indefinida que se adquiria com o uso prolongado do Poder. Se alguém tentasse

adivinhar a idade de qualquer irmã presente no gabinete, a margem de erro giraria em torno de vinte anos, e, em alguns casos, talvez se errasse por até duas vezes mais que isso. — Ela é bem-treinada, muito forte e boa observadora. Morgase está concentrada em levar adiante seu plano de tomar posse do trono de Cairhien.

Várias irmãs se agitaram nos assentos. Como se percebesse que tinha se aproximado demais de um terreno perigoso, Javindhra apressou-se em continuar.

— E parece que o novo amante dela, Lorde Gaebriel, a mantém bastante ocupada. — Seus lábios finos se estreitaram ainda mais. — A Rainha está totalmente encantada pelo sujeito.

— Ele a mantém concentrada em Cairhien — afirmou Alviarin. — A situação por lá está quase tão ruim quanto em Tarabon e Arad Doman, com todas as Casas disputando o Trono do Sol e o povo passando fome. Morgase vai restabelecer a ordem, mas deve levar algum tempo para que assegure o trono. Até lá, sobrará pouca energia para ela se preocupar com outros assuntos, até mesmo com a Filha-herdeira. Incumbi uma escritã de enviar cartas de vez em quando. A mulher imita bem a letra de Elayne. Morgase seguirá assim até termos certeza de que voltamos a controlá-la de maneira adequada.

— Pelo menos ainda temos o filho dela sob nosso controle. — Joline sorriu.

— No caso, é difícil mantermos controle sobre Gawyn — respondeu Teslyn, asperamente. — Ele e aquela Jovem Guarda andam brigando com os Mantos-brancos nos dois lados do rio. Ele, no caso, age tanto por vontade própria quanto por ordem nossa.

— Ele vai ficar sob controle — respondeu Alviarin.

Elaida começava a achar detestável aquela atitude sempre impassível.

— Falando em Mantos-brancos — intrometeu-se Danelle —, parece que Pedron Niall tem conduzido negociações secretas para tentar convencer Altara e Murandy a ceder terras para Illian e evitar que o Conselho dos Nove invada um deles ou até os dois.

Já em terreno seguro, as mulheres do outro lado da escrivania discutiam se as ações do Senhor Capitão Comandante aumentariam demais a influência dos Filhos da Luz. Talvez tais negociações devessem ser interrompidas, para que a Torre pudesse assumir as rédeas e substituí-lo.

Elaida apertou os lábios. Ao longo da história, a Torre muitas vezes fora obrigada a ser prudente — muitos a temiam, muitos desconfiavam dela —, mas nunca *temera* nada nem ninguém. Agora, a Torre temia.

A Amyrlin ergueu o olhar para as pinturas. Uma delas consistia em três painéis de madeira com ilustrações de Bonwhin, a última Vermelha a ser elevada ao Trono, mil anos antes, e razão pela qual nenhuma outra Vermelha usara a estola desde então. Até Elaida. Bonwhin, alta e orgulhosa, dando ordens às Aes Sedai sobre como manipular Artur Asa-de-gavião; Bonwhin, desafiadora, no topo das muralhas brancas de uma Tar Valon sob o ataque das forças de Asa-de-gavião; e Bonwhin de joelhos e submissa perante o Salão da Torre, enquanto retiravam a estola e o cajado por ter quase destruído a Torre.

Muitas se perguntavam por que Elaida retirara o tríptico do depósito onde estivera esquecido, coberto de poeira. Ainda que ninguém falasse abertamente, ela ouvia o burburinho. As irmãs não compreendiam a necessidade de uma lembrança permanente do custo de um infortúnio.

A segunda pintura era mais atual, feita em tela de tecido; uma cópia do esboço de um artista de rua do oeste distante. Aquela obra causava ainda mais desconforto entre as Aes Sedai que pousavam os olhos nela. Dois homens lutavam em meio às nuvens, aparentemente no céu, usando relâmpagos como armas. Um deles tinha o rosto feito de chamas. O outro era alto, jovem e ruivo. Era aquele jovem que despertava medo e fazia até Elaida cerrar os dentes. Só não tinha certeza se era de raiva ou para evitar que eles batessem. Mas medo era algo que podia e devia ser controlado. Controle era tudo.

— Então é isso — disse Alviarin, começando a se levantar. As outras a imitaram, ajustando saias e xales enquanto se preparavam para sair. — Em três dias, espero que...

— Dei permissão para alguma de vocês sair, filhas? — Aquelas eram as primeiras palavras que Elaida dizia desde que pedira para as irmãs se sentarem. Surpresas, todas olharam para a Amyrlin. Surpresas! Algumas voltaram para os assentos, mas sem a menor pressa. E sem qualquer pedido de desculpas. Elaida deixara aquilo ir longe demais. — Já que estão de pé, continuarão assim até eu terminar. — As Aes Sedai que estavam voltando para os bancos ficaram confusas por um momento. Elaida continuou a falar enquanto, hesitantes, elas voltavam a se pôr de pé. — Não ouvi nenhuma menção à busca por aquela mulher e os acompanhantes dela.

Não era preciso citar o nome *daquela mulher*, a predecessora de Elaida. Todas sabiam a quem ela se referia, e a própria Elaida achava cada vez mais penoso até lembrar o nome da antiga Amyrlin. Todos os seus problemas atuais — todos! — podiam ser atribuídos àquela mulher.

— É complicado — opinou Alviarin, em tom neutro —, já que alimentamos os boatos de que ela foi executada. — A mulher tinha mesmo sangue-frio. Elaida encarou-a com firmeza até ela acrescentar um “Mãe” atrasado que também soou plácido, até casual.

A Amyrlin desviou o olhar para as demais e transformou a voz em aço.

— Joline, você está responsável por essa busca e pela investigação da fuga dela. Em ambos os casos, só ouço falar de dificuldades. Talvez uma penitência diária ajude você a aumentar a diligência, filha. Ponha no papel o que achar adequado e mande para mim. Caso eu não considere adequado, triplico o castigo.

O sorriso constante de Joline desapareceu, para satisfação de Elaida. Sob o olhar fixo da Amyrlin, ela abriu a boca e voltou a fechá-la. Por fim, fez uma longa reverência.

— Como a senhora ordenar, Mãe. — As palavras saíram entredentes, a docilidade soou forçada, mas bastava. Por enquanto.

— E o que me dizem de tentar recapturar as que escaparam? — Desta vez, seu tom de voz foi ainda mais firme.

O retorno das Aes Sedai que haviam fugido quando *aquela mulher* fora deposita significava a volta das Azuis à Torre. Elaida não sabia se poderia confiar em alguma Azul. Aliás, não sabia se um dia poderia confiar em qualquer uma das irmãs que, em vez de saudar sua subida ao Trono, um dia haviam debandado. Porém, a Torre precisava ficar completa outra vez.

Javindhra ficara incumbida da tarefa.

— De novo, temos dificuldades. — Suas feições permaneciam tão severas quanto antes, mas ela lambeu rapidamente os lábios diante da tempestade silenciosa que viu no rosto de Elaida. — Mãe.

Elaida balançou a cabeça.

— Não quero saber de dificuldades, filha. Amanhã, você me entregará uma lista de tudo o que já fez, incluindo todas as medidas tomadas para evitar que o mundo fique sabendo de qualquer desavença aqui na Torre. — Esse era um ponto crucial. Havia uma nova Amyrlin, mas o mundo deveria ter a imagem de uma Torre mais unida e forte do que nunca. — Caso não tenha tempo para a tarefa que lhe incumbi, talvez devesse abrir mão de sua condição de Votante em nome das Vermelhas. É algo que devo considerar.

— Não será necessário, Mãe — respondeu Javindhra, depressa, com expressão severa. — Amanhã a senhora vai receber o relatório que pediu. Estou certa de que muitas irmãs vão começar a voltar em breve.

Elaida não tinha tanta certeza, por mais que desejasse — *a Torre precisa ser forte. Precisa!* —, mas dera o recado. Todas as mulheres tinham expressões

confusas, exceto por Alviarin. Se Elaida parecia pronta para punir uma irmã de sua própria antiga Ajah e ser ainda mais contundente com uma Verde que estivera ao seu lado desde o primeiro dia, talvez tivessem cometido um erro ao tratá-la como uma efígie cerimonial. Aquelas mulheres podiam até tê-la colocado no Trono, mas *ela* era a Amyrlin. Mais alguns exemplos nos dias seguintes deveriam pôr as coisas em ordem. Se fosse preciso, Elaida obrigaria todas as mulheres a pagar penitências até pedirem perdão.

— Há soldados tairenos e andorianos em Cairhien — continuou, ignorando os olhares fugidios. — Soldados tairenos enviados pelo homem que tomou a Pedra de Tear.

Shemerin apertou as mãos gorduchas, e Teslyn se encolheu. Só Alviarin permanecia impassível feito uma lagoa congelada. Elaida ergueu a mão e apontou para a pintura com os dois homens se enfrentando com relâmpagos.

— Olhem aquilo. Olhem! Ou deixarei todas vocês de quatro esfregando o chão! Se não têm sangue-frio nem para olhar para uma pintura, que coragem terão para enfrentar o que ainda temos pela frente? Covardes não têm serventia para a Torre!

Elas ergueram o olhar lentamente, movendo os pés feito garotinhas nervosas, não como Aes Sedai. Apenas Alviarin encarava a pintura parecendo inabalada. Shemerin retorcia as mãos, e lágrimas brotavam em seus olhos. Algo teria que ser feito em relação a ela.

— Rand al'Thor. Um homem capaz de canalizar. — As palavras saíram como um chicote da boca de Elaida, fazendo até mesmo o estômago da própria Amyrlin se revirar até deixá-la com ânsia de vômito. De algum modo, manteve o rosto sereno e seguiu pressionando, despejando suas palavras como um estilingue lançando pedras. — Um homem fadado a enlouquecer e usar o Poder para causar terror, antes de morrer. Porém, mais que isso. Arad Doman, Tarabon e tudo o que existe entre as duas cidades estão se transformando em ruína e rebeliões por causa dele. Apesar de a guerra e a fome em Cairhien não poderem ser diretamente atribuídas a Rand al'Thor, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que ele precipita uma guerra ainda maior entre Tear e Andor, justamente quando o que a Torre precisa é de paz! Em Ghealdan, algum shienarano sem juízo prega a respeito dele para multidões grandes demais até para o exército de Alliandre conter. O maior perigo que a Torre já enfrentou, a maior ameaça que o mundo já conheceu, e vocês não conseguem nem falar deste homem? Não têm nem coragem de olhar para uma pintura dele?

O silêncio foi a única resposta. Todas, exceto Alviarin, pareciam ter engolido a própria língua. A maioria encarava o jovem na pintura como pássaros hipnotizados por uma serpente.

— Rand al'Thor. — O nome tinha gosto de fel nos lábios de Elaida.

Certa vez, a Amyrlin tivera aquele jovem, de aparência tão inocente, ao seu alcance, mas não percebera o que ele era. A predecessora dela tinha esse conhecimento, e só a Luz sabia desde quando, mas permitira que ele ficasse livre. *Aquela mulher* revelara muitas coisas a Elaida antes de escapar. Quando pressionada a falar, mencionara fatos em que Elaida não tinha como acreditar — se os Abandonados estivessem mesmo soltos, tudo poderia estar perdido —, mas, de algum modo, conseguira se recusar a responder certas perguntas e acabara escapando antes que pudesse ser interrogada novamente. *Aquela mulher* e Moiraine. *Aquela mulher* e a Azul sempre souberam de tudo. Elaida pretendia trazer as duas de volta à Torre. Elas teriam que revelar até a última letra do que sabiam. Implorariam pela morte de joelhos antes de a nova Amyrlin se dar por satisfeita.

Ela se obrigou a continuar falando, ainda que as palavras murchassem em sua boca.

— Rand al'Thor é o Dragão Renascido, filhas. — Os joelhos de Shemerin fraquejaram, e a Amarela desabou no chão. Algumas das outras irmãs também pareciam ter perdido a força nas pernas. Os olhos de Elaida as açoitavam com desdém. — Não restam dúvidas. É dele que falam as Profecias. O Tenebroso está se libertando da prisão, a Última Batalha se aproxima, e o Dragão Renascido precisa estar lá para enfrentá-lo, ou o mundo será condenado a eras de fogo e à destruição enquanto a Roda do Tempo girar. E ele está à solta, filhas. Não sabemos por onde anda. Sabemos de dezenas de locais onde ele não está. O Dragão não está mais em Tear, mas também não está mais aqui na Torre devidamente protegido, como deveria. Ele provoca um redemoinho no mundo, e devemos pará-lo em nome de qualquer esperança de sobrevivermos a Tarmon Gai'don. Precisamos dele por perto para garantir que o Dragão lutará a Última Batalha. Ou alguma de vocês acredita que, para salvar o mundo, ele aceitará passivamente a morte profetizada? Estamos falando de um homem que já deve estar enlouquecendo! Precisamos dele sob controle!

— Mãe — começou Alviarin, com sua irritante indiferença, mas Elaida interrompeu-a com um olhar.

— Pôr nossas mãos em Rand al'Thor é muito mais importante do que as escaramuças em Shienar ou se a Praga está calma ou não, mais importante do que encontrar Elayne ou Galad, e mais importante até do que Mazrim Taim. Vocês vão encontrá-lo. *Ah, se vão!* Na próxima reunião, quero todas prontas para me dar detalhes do que fizeram para conseguirmos isso. Agora podem ir, filhas.

Após uma onda de reverências vacilantes e murmúrios ofegantes de “Como a senhora ordenar, Mãe”, as irmãs saíram quase correndo, com Joline ajudando a cambaleante Shemerin a se levantar. A irmã Amarela daria um bom próximo exemplo, já que ainda seriam necessários alguns para garantir que nenhuma das mulheres titubeasse. Além disso, ela era fraca demais para fazer parte do conselho. De qualquer forma, o conselho não existiria por muito mais tempo. Elas apenas receberiam ordens de Elaida e correriam para obedecer.

Todas se foram, exceto Alviarin.

Por um longo momento após a porta ter se fechado atrás das demais Aes Sedai, as duas mulheres se encararam. Alviarin havia sido a primeira, a primeiríssima, a ouvir e concordar com as acusações contra a predecessora de Elaida. E a Branca sabia muito bem por que ela, e não alguma Vermelha, usava a estola de Curadora. A Ajah Vermelha fora unânime a favor da nova Amyrlin, mas a Branca, não, e, sem o apoio integral da Ajah de Alviarin, muitas outras também poderiam ter se oposto. Fosse esse o caso, Elaida estaria em uma cela, não sentada no Trono de Amyrlin. Isso se os restos de sua cabeça não estivessem decorando uma estaca e servindo de refeição para os corvos. Alviarin não se intimidaria tão facilmente quanto as outras. Talvez nem houvesse como intimidá-la. Seu olhar inabalável transmitia uma sensação perturbadora de igual para igual.

Uma batida na porta quebrou o silêncio.

— Entre! — exclamou Elaida.

Uma das Aceitas, uma garota pálida e esguia, entrou no cômodo, hesitante. A jovem fez uma reverência tão exagerada que sua saia branca com sete faixas coloridas na bainha formou uma enorme circunferência no chão em torno dela. Pelos olhos azuis arregalados e a maneira como os mantinha voltados para baixo, captara o estado de espírito das mulheres que haviam saído. Se Aes Sedai tinham ido embora tremendo, uma Aceita corria grande perigo.

— M-Mãe, Mestre F-Fain está aqui. Ele disse que a s-senhora o receberia a-agora. — Ainda agachada, a garota tremia tanto que parecia a ponto de tombar de medo.

— Então mande o homem entrar, garota, em vez de deixá-lo esperando! — Elaida soava irritada, mas verdade era que teria arrancado o couro da Aceita caso a menina não tivesse deixado o homem lá fora. A raiva que sentia de Alviarin, e que não permitiria que a mulher pensasse que ela tinha receio de demonstrar, aflorou. — E se não conseguir aprender a falar de modo adequado, talvez as cozinhas lhe sejam mais propícias do que a antessala da Amyrlin. E



então? Não vai fazer o que mandei? Mexa-se, garota! E vá dizer à Mestra das Noviças que você precisa ser treinada para obedecer prontamente!

A garota guinchou o que talvez fosse uma resposta apropriada e saiu em disparada.

Elaida se esforçou para manter a compostura. Não queria nem saber se Silviana, a nova Mestra das Noviças, daria uma surra na garota ou se resolveria a questão com uma reprimenda. A Amyrlin quase não lidava com noviças e Aceitas, a menos que alguma delas se intrometesse em seu caminho, e se importava muito pouco com elas. Era Alviarin quem queria humilhar e ver de joelhos a seus pés.

Mas primeiro, Fain. Elaida tamborilava o dedo nos lábios. O homenzinho magrelo e narigudo aparecera na Torre poucos dias antes, em trajes sujos e grandes demais, mas que outrora haviam sido refinados. Ora arrogante, ora servil, o homem requisitara uma audiência com a Amyrlin. Exceto pelos que serviam à Torre, os homens só apareciam ali sob coação ou em caso de grande necessidade, e nenhum pedia para falar com a Amyrlin. Era um tolo, ou talvez até um tanto estúpido. Fain afirmava ser de Lugard, em Murandy, mas falava com vários sotaques, por vezes mudando de um para outro no meio de uma frase. Ainda assim, parecia que podia ser útil.

Alviarin ainda encarava Elaida com uma complacência gélida. Seu olhar revelava apenas uma pista das perguntas que devia querer fazer sobre Fain. O rosto da Amyrlin endureceu. Ela quase apelou para *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira, para pôr aquela mulher em seu devido lugar. Mas o caminho não era esse. Alviarin poderia resistir, e lutar feito uma camponesa em um estábulo não era modo de uma Amyrlin afirmar sua autoridade. De qualquer maneira, Alviarin teria que aprender a se curvar a ela tanto quanto as outras. O primeiro passo seria deixá-la sem qualquer informação a respeito de Mestre Fain, fosse qual fosse seu nome verdadeiro.

Assim que adentrou o gabinete da Amyrlin, Padan Fain tratou de esquecer a jovem e inquieta Aceita. A garota era até atraente, e ele gostava das nervosinhas, mas havia assuntos mais importantes em que se concentrar naquele momento. Esfregando as mãos na roupa, Fain curvou a cabeça, humilde como convinha, mas a princípio as duas mulheres que o aguardavam nem pareceram notar sua presença, se encarando como estavam. Ele ficou parado, embora a tensão entre elas fosse quase palpável; achava que poderia quase tocá-la se estendesse a mão. A Torre Branca estava tomada pela tensão, com as Aes Sedai

divididas. Melhor assim. Conforme a necessidade, tensões podiam ser manipuladas, e divisões, exploradas.

Fain se surpreendera ao encontrar Elaida no Trono de Amyrlin. No entanto, era melhor do que ele esperava. O homem ficara sabendo que Elaida, sob vários aspectos, não era tão dura quanto a mulher que usara a estola antes dela. Mais severa, sim, e mais cruel também, porém mais vulnerável. Provavelmente, ela seria mais difícil de dobrar, porém mais fácil de partir. Isso no caso de uma das opções ser necessária. Ainda assim, para ele, as Aes Sedai, e até as Amyrlin, eram todas iguais. Tolas. Tolas perigosas, verdade, mas, algumas vezes, úteis.

Quando as duas finalmente se deram conta da presença de Fain, a Amyrlin franziu a testa de leve por ter sido pega de surpresa, mas a Curadora das Crônicas se manteve impassível.

— Pode ir agora, filha — ordenou Elaida com firmeza, com uma pequena, mas clara ênfase no “agora”. Ah, sim... as tensões, as rachaduras no poder. Rachaduras onde sementes podiam ser plantadas. Fain se deu conta de que estava prestes a rir.

Alviarin hesitou antes de fazer a mais breve das reverências. Enquanto deixava o gabinete, seus olhos percorreram Fain de cima a baixo com uma expressão neutra, mas desconcertante. Ele se encolheu inconscientemente, curvando os ombros em um gesto de autoproteção; seus lábios formaram em um leve rosno para as costas estreitas da mulher. Às vezes, por um breve instante, Fain tinha a sensação de que Alviarin sabia demais sobre dele, mas não podia explicar por quê. A frieza no rosto e nos olhos da mulher não mudava nunca. Naquelas ocasiões, sentia o desejo de obrigá-los a mudar. Medo. Agonia. Súplica. Fain quase gargalhou só de pensar. Não fazia sentido, claro. Não havia como ela saber de nada. Com paciência, ele poderia se ver livre dela e de seus olhos imutáveis.

Considerando o tipo de coisa que a Torre guardava em seus cofres, valia a pena ter um pouco de paciência. Era lá que estava a Trombeta de Valere, a lendária peça construída para invocar os heróis mortos de seus túmulos na hora da Última Batalha. A maioria das Aes Sedai ignorava esse fato, mas Fain sabia farejar informações. A adaga estava lá. Sentia seu chamado até do lugar onde estava. Poderia até apontar a direção. A adaga pertencia a ele, fazia parte dele, e fora roubada e escondida ali por aquelas Aes Sedai. Recuperá-la recompensaria muitas perdas. O homem não sabia como, mas tinha certeza disso. Recompensaria a perda de Aridhol. Era perigoso demais retornar para lá, pois havia o risco de ficar preso de novo. Fain sentiu um arrepio. Tanto tempo preso. De novo, não.

Claro que ninguém mais chamava o lugar de Aridhol, e sim de Shadar Logoth. Onde a Sombra Espreita. Um nome apropriado. Tanta coisa mudara... Ele próprio, inclusive. Padan Fain. Mordeth. Ordeith. Por vezes, não tinha certeza de qual era seu nome de fato e de quem era de verdade. De uma coisa, estava certo: ele não era o que ninguém imaginava. Aqueles que acreditavam conhecê-lo estavam muito enganados. Agora estava mudado. Seu poder era único, estava além de qualquer outro. Um dia, todos se dariam conta disso.

De repente, com um sobressalto, Fain percebeu que a Amyrlin dissera alguma coisa e, vasculhando a mente, lembrou o que era.

— Sim, Mãe, o casaco fica muito bem em mim. — Passou a mão no veludo negro para mostrar como o apreciava. Como se vestimentas importassem. — É um casaco muito bom. Agradeço de coração, Mãe. — Fain estava preparado para mais tentativas da Amyrlin de deixá-lo à vontade, pronto para ajoelhar-se e beijar seu anel, mas, desta vez, ela foi direto ao ponto.

— Me fale mais a respeito do que sabe sobre Rand al'Thor, Mestre Fain.

Os olhos de Fain se voltaram para a pintura com os dois homens, e, enquanto a observava, suas costas se empertigaram. A imagem de al'Thor o afetou quase da mesma forma que o próprio homem o faria se estivesse em sua frente, fazendo suas veias se encherem de fúria e ódio. Por causa daquele jovem, Fain passara por dores inimagináveis, das quais sequer se permitia lembrar, e sofrera bem mais do que as dores em si. Ele fora destruído e reconstruído por causa de al'Thor. Claro que essa reconstrução havia lhe dado os meios para se vingar, mas a questão não era exatamente essa. Perto do desejo de destruir al'Thor, qualquer coisa se tornava insignificante.

Quando se voltou novamente para a Amyrlin, Fain não percebeu que sua atitude estava tão imponente quanto a dela e que retribuía seu olhar de igual para igual.

— Rand al'Thor é astuto e dissimulado. Ele não se importa com nada ou ninguém, só com o próprio poder. — Aquela tola. — Ele é do tipo que nunca faz o que se espera dele. — Mas se ela pudesse pôr as mãos em al'Thor... — É difícil guiá-lo, muito difícil, mas acredito que seja possível. Primeiro, é preciso se aproximar de um dos poucos em quem ele confia. — Se a Amyrlin lhe entregasse al'Thor, talvez ele a deixasse viva no fim das contas, mesmo sendo Aes Sedai.

Esparramado em uma poltrona dourada, vestindo mangas curtas e de botas nos pés, com uma das pernas apoiada no braço estofado, Rahvin sorria enquanto a mulher de pé à frente da lareira repetia o que ele lhe dissera. Seus grandes olhos

castanhos estavam ligeiramente distantes. Era jovem e bonita, mesmo usando as roupas de lã cinza sem graça que adotara como disfarce, mas seu interesse nela não era dessa natureza.

Nenhuma nesga de ar entrava pelas altas janelas do aposento. Enquanto a mulher falava, o suor escorria de seu rosto delicado, e gotículas brotavam na face estreita do outro homem presente. Ainda que trajasse um belo casaco de seda vermelha com bordados dourados, o sujeito se mantinha tão imóvel quanto um serviçal — o que ele era, de certo modo, ainda que por vontade própria, ao contrário dela. Mas claro que, naquele momento, estava cego e surdo.

Rahvin manejou com delicadeza os fluxos de Espírito que havia urdido em torno dos dois. Não havia motivo para causar danos a serviçais valiosos.

Ele próprio não suava, claro. Não permitia que o teimoso calor do verão o afetasse. Era um homem alto, grande, de pele escura e bonito, apesar dos cabelos brancos nas têmporas. Não tivera dificuldades em compelir aquela mulher.

Uma careta retorceu seu rosto. Tinha dificuldades com algumas pessoas. Uns poucos, muito poucos, tinham força de vontade o bastante para que suas mentes buscassem brechas pelas quais escapar, ainda que inconscientemente. Para seu azar, ele ainda precisava de uma pessoa que era desse tipo. Era possível manipulá-la, mas ela continuava tentando encontrar uma saída, mesmo sem saber que estava presa. Ela em breve não seria mais necessária, claro, e Rahvin teria que decidir se a mandaria embora ou se melhor seria livrar-se dela de um jeito mais definitivo. As duas opções representavam perigo. Nada que pudesse ameaçá-lo, claro, mas ele era um homem cuidadoso e meticuloso. Se ignorados, pequenos perigos encontravam um jeito de crescer, e ele sempre escolhia os riscos com uma pitada de prudência. Matá-la ou mantê-la?

O cessar do discurso da mulher o fez abandonar seus devaneios.

— Quando sair daqui — disse a ela —, você não vai se lembrar de nada desta visita, apenas de ter feito sua habitual caminhada matinal. — Ela concordou, ávida por agradá-lo, e Rahvin afrouxou os fios de Espírito para que evaporassem da mente da mulher tão logo ela pusesse os pés na rua. O uso repetido da compulsão facilitava a obediência, mesmo quando não estava sendo usada. Porém, enquanto estivesse, sempre havia o perigo de ser detectada.

Feito isso, Rahvin também libertou a mente de Elegar. Lorde Elegar. Um nobre menor, mas fiel a seus juramentos. O sujeito lambeu nervosamente os lábios finos, olhou para a mulher com nervosismo e se ajoelhou prontamente diante de Rahvin. Os Amigos da Escuridão — que atualmente se chamavam Amigos das

Trevas — tinham começado a perceber que precisariam se manter rigorosamente fiéis aos juramentos, agora que Rahvin e os demais tinham sido libertados.

— Leve-a até a rua pelos fundos — orientou Rahvin — e deixe-a lá. Ela não deve ser vista.

— Como desejar, Grande Mestre — respondeu Elegar, fazendo uma reverência ainda de joelhos. Ao se levantar, deixou a presença de Rahvin com uma mesura, puxando a mulher pelo braço. Ela o acompanhou docilmente, claro, com os olhos ainda perdidos. Elegar não perguntaria nada a ela. Era esperto o bastante para estar bem ciente de que havia coisas que não desejava descobrir.

— Um de seus belos brinquedinhos? — perguntou uma voz feminina atrás dele, enquanto a porta entalhada se fechava. — Agora é assim que você as veste?

Agarrando *saidin*, ele se preencheu do Poder, e mácula da metade masculina da Fonte Verdadeira foi barrada pela proteção de seus laços e juramentos, os elos com o que Rahvin julgava ser um poder maior que a Luz ou até o Criador.

No meio da câmara, um portal se projetava acima do carpete vermelho e dourado, uma abertura para algum outro lugar. Rahvin teve um vislumbre de uma câmara em que tapeçarias de seda branca cobriam as paredes, até ela se esvanecer, deixando apenas uma mulher de vestido branco e cinto de prata trançada. O suave formigamento na pele dele, como um leve arrepio, foi o único aviso de que a mulher canalizara. Alta e esguia, era tão bonita quanto ele, com olhos escuros que pareciam poços sem fundo, e um cabelo que caía sobre os ombros em perfeitas ondas negras, enfeitado com estrelas e luas crescentes prateadas. A maioria dos homens ficaria com a boca seca de tanto desejo.

— O que você pretende aparecendo assim do nada, Lanfear? — perguntou Rahvin, áspero, sem largar o Poder. Em vez disso, preparou várias surpresas maldosas, caso precisasse delas. — Se quiser falar comigo, mande um emissário que eu decidirei quando, onde, e se irei.

Lanfear abriu seu sorriso doce e traiçoeiro.

— Você sempre foi um patife, Rahvin, mas nem sempre foi tolo. Aquela mulher é Aes Sedai. E se sentirem falta dela? Também vai enviar arautos para anunciar onde está?

— Canalizar? — caçou ele. — Ela sequer é forte o bastante para andar por aí sozinha. Chamam essas crianças destreinadas de Aes Sedai quando metade do que sabem são truques de autodidatas e a outra metade não passa de meras superficialidades?

— Você continuaria sendo tão complacente se treze dessas crianças destreinadas formassem um círculo ao seu redor? — O escárnio frio na voz dela o apunhalou, mas Rahvin não deixou transparecer.

— Tomo minhas precauções, Lanfear. Ela não é uma de meus “belos brinquedinhos”, como você colocou, e sim a espiã da Torre aqui. Só que agora relata exatamente o que eu quero, e fica ávida para fazê-lo. Os que servem aos Escolhidos na Torre me disseram exatamente onde encontrá-la. — Não tardaria a chegar o dia em que o mundo renunciaria ao nome “Abandonados” e se ajoelharia perante os Escolhidos. Isso fora prometido, muito tempo atrás. — Por que veio até aqui, Lanfear? Certamente não foi para ajudar mulheres indefesas.

Ela apenas deu de ombros.

— No que me cabe, você pode se divertir o quanto quiser com seus brinquedos. Quando o assunto é hospitalidade, Rahvin, você oferece muito pouco, então me perdoe, mas...

Um jarro de prata ergueu-se em uma mesinha ao lado da cama de Rahvin e se inclinou para servir um vinho escuro em um cálice com detalhes em ouro. Quando o jarro voltou à posição inicial, o cálice flutuou até a mão de Lanfear. Rahvin não sentiu nada além de um leve formigamento, claro, e não viu fluxos sendo urdidos. Ele nunca gostara daquilo. Que Lanfear também não fosse capaz de ver os fluxos que Rahvin urdia não chegava perto de restaurar o equilíbrio.

— Por quê? — perguntou ele mais uma vez.

Ela bebericou calmamente antes de responder.

— Como você evita o restante de nós, alguns Escolhidos virão até aqui. Só vim na frente para que você soubesse que não se trata de um ataque.

— Os outros? Vocês estão planejando alguma coisa? Que necessidade eu tenho de saber dos planos alheios? — De repente, Rahvin deu uma gargalhada, profunda e grave. — Então não se trata de um ataque, certo? Vocês nunca foram mesmo de atacar abertamente, não é? Talvez não tanto quanto Moghedien, mas vocês sempre preferiram atacar pelos flancos ou pelas costas. Vou confiar em você desta vez, o suficiente para escutá-la, contanto que fique sob minha vigilância. — Qualquer um que confiasse em Lanfear longe dos olhos merecia a faca que provavelmente encontraria cravada nas costas. Não que ela fosse muito mais confiável sob vigilância, já que, na melhor das hipóteses, seu temperamento era inconstante. — Quem mais supostamente faz parte disso?

Desta vez, Rahvin teve um aviso mais claro — era obra de outro homem — quando outro portal se abriu, exibindo arcos de mármore que davam para amplas varandas de pedra, com gaviotas grassando em um céu azul sem

nuvens. Por fim, um homem surgiu e atravessou o portal, a passagem se fechando atrás dele.

Sólido e compacto, Sammael parecia maior do que de fato era. Seus passos eram rápidos e ágeis, e seus modos, abruptos. Com olhos azuis, cabelos dourados e uma bela barba em formato quadrado, sua aparência talvez estivesse acima da média, não fosse pela cicatriz oblíqua, como se um ferro em brasa tivesse sido arrastado por seu rosto, desde o cabelo até a mandíbula. Poderia tê-la removido assim que fora feita, muitos anos antes, mas preferira mantê-la.

Ligado a *saidin* tanto quanto Rahvin — àquela distância, Rahvin podia sentir de leve a ligação do outro —, Sammael o encarava com cautela.

— Estava esperando serviçais e dançarinas, Rahvin. Será que finalmente se cansou do seu esporte favorito, após todos estes anos?

Lanfear riu suavemente enquanto bebia o vinho.

— Alguém mencionou algum esporte?

Rahvin sequer percebera a abertura de um terceiro portal, exibindo um amplo salão cheio de piscinas e colunas caneladas, com acrobatas seminuas e criadas usando ainda menos pano. Estranhamente, um velhote magrelo de casaco amarrado estava sentado parecendo desconsolado em meio aos artistas. Duas serviçais trajando peças tênues de quase roupa nenhuma, um homem musculoso carregando uma bandeja de ouro fundido, e uma moça bela e voluptuosa servindo vinho de uma botija de cristal em um cálice combinando sobre a bandeja seguiram a recém-chegada antes de a abertura desaparecer.

Na presença de qualquer outra, exceto Lanfear, Graendal seria vista como uma mulher estonteante, luxuriante e madura. Usava um vestido curto de seda verde. Um rubi do tamanho de um ovo de galinha aninhava-se entre os seios, e uma pequena coroa cravejada de mais rubis repousava sobre os longos cabelos dourados. Perto de Lanfear, ela era apenas bonitinha e roliça. Se a comparação inevitável a incomodava, o sorriso divertido não dava sinais.

Braceletes de ouro chacoalharam quando ela acenou para trás com a mão cheia de anéis. A serviçal, com um sorriso bajulador igualzinho ao do colega, se apressou em pôr o cálice ao alcance de Graendal, que mal percebeu.

— Que tal? — começou, animada. — Praticamente metade dos Escolhidos restantes em um único lugar. E ninguém tentando matar ninguém. Quem poderia imaginar uma coisa dessas antes do retorno do Grande Senhor das Trevas? Ishamael até conseguiu nos manter longe do pescoço uns dos outros por algum tempo, mas isto...

— Você sempre fala assim tão abertamente na frente de seus serviçais? — perguntou Sammael com uma careta.

Graendal piscou e voltou o olhar para os dois, como se tivesse se esquecido deles.

— Eles não abrem a boca fora de hora. Os dois me idolatram. Não é? — Ambos se ajoelharam, demonstrando o amor intenso que sentiam por ela. E era verdadeiro. Eles de fato a amavam. Naquele momento. Um instante depois, Graendal franziu a testa de leve, e os serviçais ficaram paralisados, com as bocas abertas, como que interrompidos no meio de uma palavra. — Eles vão continuar aqui, mas não vão incomodar vocês, não é?

Rahvin balançou a cabeça e se perguntou quem eram aqueles dois, ou quem haviam sido. Beleza física não bastava para os serviçais de Graendal, que também precisavam ter poder ou prestígio: um antigo lorde como lacaio, uma lady para lhe dar banho. Era assim que ela gostava. Permitir-se certos luxos era uma coisa, mas Graendal era esbanjadora. A dupla até podia ter alguma utilidade, caso fosse manipulada de forma adequada, mas o nível de compulsão que Graendal utilizava certamente só os deixava aptos para pouco mais que mera decoração. Aquela mulher não tinha sofisticação.

— Eu deveria esperar por mais alguém, Lanfear? — grunhiu Rahvin. — Você convenceu Demandred a parar de pensar que é herdeiro do Grande Senhor?

— Duvido que a arrogância dele chegue a esse ponto — retrucou Lanfear, tranquila. — Demandred sabe aonde isso levou Ishamael. E essa é a questão levantada por Graendal. Éramos treze, imortais. Agora, quatro estão mortos e um nos traiu. Só nós quatro estamos reunidos aqui hoje, e já é o bastante.

— Tem certeza de que Asmodean mudou de lado? — questionou Sammael. — Ele nunca teve coragem de tentar. Onde buscou forças para abraçar uma causa perdida?

Lanfear deu um breve sorriso, divertido.

— Ele teve a coragem de fazer uma emboscada que pensou que o colocaria acima de nós. Mas, quando a escolha passou a ser a morte ou uma causa perdida, ele precisou de pouquíssima coragem para fazer sua opção.

— E de pouco tempo, aposto. — A cicatriz tornava o sorriso de Sammael ainda mais incisivo. — Se estava tão perto a ponto de saber tudo isso, por que não o matou? Você poderia ter acabado com a vida dele antes que Asmodean se desse conta de sua presença.

— Não sou tão rápida em matar quanto você. É um último recurso, sem volta, e quase sempre existem alternativas mais interessantes. Além disso,



para explicar em termos que você entenda, eu não queria desencadear um ataque frontal contra forças superiores.

— Ele é mesmo forte assim? — perguntou Rahvin calmamente. — Esse tal Rand al'Thor, cara a cara, poderia ter derrotado você?

Não que ele ou mesmo Sammael não pudessem derrotá-la, se fosse o caso, ainda que Graendal provavelmente se unisse a Lanfear na hipótese de um dos dois tentarem. Naquele exato instante, inclusive, as duas mulheres deviam estar tomadas de Poder, prontas para atacar à mínima suspeita de um dos dois, ou de ambos. Mas aquele moleque fazendeiro? Um pastor destreinado! Destreinado, a menos que Asmodean estivesse cuidando disso.

— Ele é Lews Therin Telamon renascido — afirmou Lanfear, com a mesma calma —, e Lews Therin era tão forte quanto qualquer um de nós.

Sammael esfregou a cicatriz no rosto, distraidamente. Fora Lews Therin quem lhe impusera aquela marca. Acontecera havia mais de três mil anos, muito antes da Ruptura do Mundo e da prisão do Grande Senhor, antes de muita coisa, mas Sammael jamais se esquecera.

— Bem — Graendal assumiu a palavra —, será que finalmente chegamos à questão que viemos discutir?

Rahvin se sobressaltou, desgostoso. Os dois serviçais ainda estavam imóveis — ou melhor dizendo, de novo. Sammael resmungava com seus botões.

— Se Rand al'Thor é de fato Lews Therin Telamon renascido — continuou Graendal, sentando-se nas costas do serviçal, agora de quatro no chão —, estou surpresa por você ainda não ter tentado arrastá-lo para a cama, Lanfear. Ou será que não é tão fácil? Acho que me lembro de ver você comendo na mão de Lews Therin, e não o contrário. Ele abafava seus chilies. Fazia você servir o vinho dele, coisas do tipo. — Graendal depositou o cálice na bandeja, agora carregada com rigidez pela mulher apoiada em um joelho. — Você era tão obcecada por aquele homem que era capaz de se estender aos pés dele, se Lews pedisse por um tapete.

Os olhos escuros de Lanfear brilharam por alguns instantes, até ela recuperar o controle.

— Ele pode até ser Lews Therin renascido, mas não é Lews Therin.

— Como você sabe? — provocou Graendal com um sorriso, como se tudo não passasse de uma brincadeira. — Pode até ser, como muitos acreditam, que todos nasçam e renasçam conforme a Roda gira, mas, que eu saiba, nunca aconteceu algo do tipo. Um homem específico renascendo conforme reza uma profecia? Quem pode saber o que ele é?

Lanfeiar respondeu com um sorriso desdenhoso.

— Eu já o observei de perto. Ele não é nada mais do que aparenta: um pastor, e ainda bastante ingênuo. — Seu escárnio se transformou em seriedade. — Mas agora ele conta com Asmodean, ainda que seja um aliado fraco. E, mesmo antes de Asmodean, quatro Escolhidos morreram em confronto com ele.

— E daí se o pastorzinho matar os novilhos — opinou Sammael, irritadiço.

Ele urdiu fios de Ar para arrastar uma cadeira pelo carpete e se esparramou nela, as botas cruzadas na altura do tornozelo e um braço apoiado no espaldar baixo e entalhado. Quem acreditasse que estava relaxado seria um tolo. Sammael sempre gostara de ludibriar os inimigos, fazendo-os pensar que poderia ser apanhado de surpresa.

— Sobra mais para nós no Dia do Retorno. Ou você acha que ele poderia vencer Tarmon Gai'don, Lanfeiar? Mesmo que ele torne Asmodean mais forte, desta vez não terá os Cem Companheiros. Com ou sem Asmodean, o Grande Senhor fará a vida dele se apagar feito um sar-luz quebrado.

Lanfeiar lançou a ele um olhar carregado de desprezo.

— Quantos de nós ainda estarão vivos quando o Grande Senhor finalmente for libertado? Quatro já se foram. Será que você é o próximo na lista, Sammael? Talvez fosse até bom. Se o derrotasse, você finalmente poderia se livrar desta cicatriz. Mas não lembro... Quantas vezes você o enfrentou na Guerra do Poder? Venceu alguma? Não lembro mesmo. — Sem nenhuma pausa, Lanfeiar se voltou para Graendal. — Ou talvez seja você. Por algum motivo, ele reluta em machucar mulheres, mas acho que você não terá a escolha de Asmodean, já que não tem capacidade para ensinar a ele mais do que uma pedra ensinaria. A menos que ele decida mantê-la como animal de estimação. Seria uma grande mudança, não acha? Em vez de decidir qual de suas belezinhas lhe agrada mais, você poderia aprender a agradar.

O rosto de Graendal se contorceu, e Rahvin se preparou para se defender de qualquer investida que uma das duas pudesse fazer contra a outra, pronto para Viajar à menor ameaça de fogo devastador. Então sentiu Sammael acumulando Poder, e sentiu algo de diferente — algo que Sammael chamaria de aproveitar uma vantagem tática —, por isso se curvou para agarrar o braço do homem. Sammael o afastou com raiva, mas o momento passara. As duas mulheres já olhavam para eles, e não uma para a outra. Nenhuma tinha como saber o que quase acontecera, mas estava claro que houvera alguma discordância entre Rahvin e Sammael, e a suspeita iluminou os olhos delas.

— Quero ouvir o que Lanfear tem a dizer. — Rahvin não olhava para Sammael, mas se dirigia a ele. — Deve ter mais aí do que uma tentativa tola de nos assustar.

Sammael balançou a cabeça no que poderia ter sido um gesto de concordância ou de irritação. Foi o suficiente.

— Ah, tem sim, mas um sustinho não faz mal a ninguém. — Os olhos escuros de Lanfear ainda demonstravam desconfiança, mas a voz estava mais límpida do que água parada. — Ishamael tentou controlá-lo e fracassou, tentou matá-lo, no fim, e fracassou. Mas ele tentou usar a intimidação e o medo, e Rand al'Thor é imune a intimidações.

— Ishamael era mais do que meio louco — resmungou Sammael — e menos do que meio humano.

— É isso que somos? — Graendal arqueou uma sobrancelha. — Simples humanos? Tenho certeza de que somos mais que isso. Humano é isto aqui. — Ela bateu com o dedo na bochecha da mulher ajoelhada ao seu lado. — Vão ter que criar uma nova palavra para nos descrever.

— O que quer que sejamos — interrompeu Lanfear —, podemos triunfar onde Ishamael fracassou. — Ela se inclinou ligeiramente para a frente, como se quisesse empurrar as palavras para os demais. Era raro Lanfear demonstrar tensão. Por que agora?

— Por que só nós quatro? — questionou Rahvin. Seu próximo “por que” teria que esperar.

— Para que mais? — retrucou Lanfear. — Se conseguirmos colocar o Dragão Renascido de joelhos perante o Grande Senhor no Dia do Retorno, por que dividir a honra e as recompensas além do necessário? Talvez ele até já esteja acostumado a... como foi que você disse, Sammael? Matar os novilhos.

Era o tipo de resposta que Rahvin compreendia. Não que confiasse nela, claro, ou em qualquer um dos demais, mas de ambição ele entendia. Os Escolhidos haviam tramado galgar posições entre si desde o dia em que Lews Therin os aprisionara ao selar a prisão do Grande Senhor, e haviam recomeçado assim que foram libertados. Rahvin só precisava ter certeza de que o plano de Lanfear não comprometia os dele.

— Prossiga — disse a ela.

— Primeiro, existe outra pessoa tentando controlá-lo. Talvez para matar. Suspeito de Moghedien ou Demandred. Moghedien sempre tentou agir às escondidas, e Demandred sempre odiou Lews Therin. — Sammael sorriu, ou talvez tenha sido uma careta, mas seu ódio empalidecia diante do ódio de Demandred, ainda que fosse por uma causa maior.

— Como pode saber que não é um dos que estão aqui? — indagou Graendal, casualmente.

O sorriso de Lanfear expôs tantos dentes quanto o da outra mulher, e a mesma frieza.

— Porque vocês três preferem construir os próprios nichos e garantir seu poder, enquanto o resto vive se enfrentando. E por outros motivos. Eu disse que vigio Rand al'Thor de perto.

O que ela dissera sobre os três era verdade. O próprio Rahvin preferia a diplomacia e a manipulação ao conflito aberto, embora não se esquivasse da luta, caso fosse necessária. Sammael sempre escolhera exércitos e conquistas, e jamais chegaria perto de Lews Therin, mesmo renascido como um pastor, até ter certeza da vitória. Graendal também almejava conquistas, apesar de seus métodos não envolverem soldados. Como se preocupava demais com seus brinquedos, se movia devagar e com cautela. Agia abertamente, até porque os Escolhidos apreciavam isso, mas nunca dava um passo maior do que a perna.

— Vocês sabem que posso ficar de olho nele sem ser vista — continuou Lanfear —, mas os três precisam ficar longe, ou correm o risco de ser detectados. Precisamos atraí-lo de volta...

Graendal inclinou-se para a frente, interessada, e Sammael começou a balançar a cabeça em concordância à medida que Lanfear prosseguia. Rahvin escondeu sua opinião. Talvez o plano funcionasse. Se não... Se não, ele via várias maneiras de moldar os acontecimentos em seu proveito. Sim, aquilo poderia funcionar muito bem.







# CAPÍTULO 1



## AVIVANDO AS CENTELHAS

A Roda do Tempo gira, e Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que lhes deu origem retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu na grande selva chamada de Floresta de Braem. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

Seco, ele soprava a sul e a oeste sob um sol de ouro fundido. Fazia longas semanas que a terra não via chuva, e o calor do fim do verão aumentava a cada dia. Folhas marrons precoces pontuavam algumas árvores, e pedras nuas assavam onde outrora pequenos riachos haviam corrido. Em um descampado de onde a grama sumira e apenas arbustos fracos e ressecados prendiam suas raízes ao solo, o vento começou a desenterrar pedras há muito escondidas. Estavam surradas e desgastadas, e nenhum olho humano as teria reconhecido como as ruínas de uma cidade lembrada em histórias, mas já esquecida fora delas.

Havia aldeias dispersas no caminho antes de o vento cruzar a fronteira de Andor, bem como campos onde fazendeiros aflitos enfrentavam penosamente os sulcos áridos. Fazia tempo que a floresta fora reduzida a matagais quando o vento varreu a poeira ao longo da única rua de uma aldeia chamada Fontes de Kore. Naquele verão, as nascentes começavam a minguar. Alguns cães estavam deitados, ofegantes, no calor, e dois garotos corriam sem camisa, golpeando uma bexiga empalhada com pedaços de pau, fazendo-a rolar pelo chão. Nada mais se movia, exceto o vento, a poeira e a placa que rangia acima da porta da estalagem

de tijolos vermelhos e telhado de palha, como todas as outras construções ao longo da rua. Com seus dois andares, era a maior e mais alta estrutura de Fontes de Kore, uma cidadezinha ordeira e arrumada. Os cavalos encilhados amarrados à frente da estalagem mal abanavam as caudas. No entalhe da placa na porta, lia-se “A Justiça da Boa Rainha”.

Piscando para afastar a poeira, Min mantinha o olho colado à fresta da grossa parede do celeiro. Só conseguia enxergar um dos ombros do guarda à porta, mas toda a sua atenção estava voltada para a estalagem mais adiante. Min gostaria que o nome do local não fosse tão ameaçadoramente adequado. O juiz da aldeia, o lorde local, parecia ter chegado algum tempo antes, mas ela não conseguira vê-lo. Com certeza ele agora estava ouvindo as acusações do fazendeiro; Admer Nen, assim como seus irmãos, primos e as esposas de todos eles, pareciam a favor do enforcamento imediato, até que um dos empregados do lorde aparecera. Min se perguntava qual seria a pena daquela vila para alguém que incendiara o celeiro de um homem, e com as vacas leiteiras dentro. Fora sem querer, claro, mas ela não acreditava que isso contaria muito, já que tudo começara com uma invasão.

Na confusão, Logain acabara escapando e abandonando-as — típico dele, que o queime! —, e ela não sabia se deveria ficar feliz com aquilo ou não. Ele derrubara Nen quando o grupo fora descoberto, pouco antes do amanhecer, fazendo a lamparina do homem voar pelos ares e cair no meio da palha. Se havia um culpado, era Logain. E às vezes ele tinha dificuldade em ficar de boca fechada. Talvez fosse mesmo melhor ele ter partido.

Girando para se recostar contra a parede, Min limpou o suor da testa, que logo tornou a ficar molhada. O interior do celeiro era sufocante, mas suas duas companheiras nem pareciam se dar conta disso. Suan estava deitada de costas e usava um vestido de cavalgada de lã escura, parecido com o de Min. Tinha o olhar fixo no teto do celeiro e, com uma palhinha, cutucava o queixo despreocupadamente. Com a pele acobreada, tão alta quanto a maioria dos homens, a longilínea Leane estava sentada de pernas cruzadas enquanto trabalhava com agulha e linha em seu vestidinho bege. Após terem sido revistadas em busca de espadas, machados ou quaisquer objetos que as ajudassem a escapar, tiveram permissão para ficar com os alforjes.

— Qual é a pena por incendiar um celeiro em Andor? — perguntou Min.

— Se tivermos sorte — respondeu Suan, sem se mexer —, ficaremos amarradas na praça da aldeia. Com menos sorte, seremos açoitadas.

— Pela Luz! — ofegou Min. — Como pode chamar isso de sorte?



Siuan rolou para ficar de lado e se apoiou no cotovelo. Era uma mulher forte e muito bonita que aparentava ser pouco mais velha que Min. No entanto, seus penetrantes olhos azuis tinham uma presença tão marcante que não combinavam com uma juvenzinha aguardando julgamento em um celeiro. Às vezes, Siuan era tão descuidada com as palavras quanto Logain, ou pior.

— Depois que nos desamarrarem — disse ela com tom de quem não suporta asneiras e tolices —, o problema vai ter acabado, e estaremos livres. Vamos ter desperdiçado menos tempo do que com qualquer outra pena que me venha à cabeça. Consideravelmente menos, digamos, do que com um enforcamento, apesar de eu achar, pelo que conheço das leis de Andor, que não vai chegar a tanto.

Min soltou uma risada curta e ofegante. Era rir ou chorar.

— Tempo? Do jeito que a coisa vai, o que não nos falta é tempo. Eu poderia jurar que já passamos por todas as aldeias entre aqui e Tar Valon e não encontramos nada. Nem um sinal, nem um murmúrio. Acho que nem *existe* reunião alguma. Além disso, agora estamos a pé. Pelo que ouvi, Logain levou os cavalos. A pé e trancadas em um celeiro, esperando sabe a Luz o quê!

— Cuidado com esses nomes — sussurrou Siuan com firmeza, lançando um olhar contundente para a pesada porta com o guarda do outro lado. — Dê muito com a língua nos dentes e pode acabar caindo em mais redes do que os peixes.

Min fez uma careta, em parte por já estar ficando cansada de Siuan e seus ditados tairenos de pescador, mas também porque a mulher tinha razão. Até aquele momento, tinham se mantido à frente de qualquer rumor estranho — “fatal” talvez fosse uma palavra mais apropriada —, mas algumas notícias percorriam grandes distâncias em um só dia. Siuan estava viajando como Mara; Leane, como Amaena; e Logain passara a se chamar Dalyn tão logo Siuan o convencera de que Guaire era um nome estúpido. Min ainda achava que ninguém reconheceria sua identidade, mas Siuan insistia em chamá-la de Serenla. Nem mesmo Logain sabia quais eram seus nomes verdadeiros.

O grande problema era que Siuan não desistiria. Semanas de fracasso retumbante, então aquilo. Mesmo assim, a simples menção de rumar para Tear, o que era uma ideia razoável, provocava uma tempestade que fazia até Logain se retrair. Quanto mais procuravam em vão o que Siuan buscava, mais temperamental a mulher se tornava. *Não que o gênio dela já não fosse difícil antes*. Min foi esperta o bastante para guardar o pensamento para si.

Leane finalmente terminou de trabalhar em seu vestido e o colocou no corpo, flexionando os braços para trás para dar conta de abotoá-lo. Min não

entendia o motivo de tanto trabalho, até porque detestava qualquer ofício que envolvesse agulhas. O decote estava ligeiramente mais cavado, revelando um pouco mais de busto, e o vestido parecia mais justo nos seios e talvez em torno do quadril. Mas tanto trabalho para quê? Naquele celeiro infernal, ninguém a tiraria para dançar.

Revirando os alforjes de Min, Leane desenterrou a caixa de madeira com tintas, pós e outras quinquilharias que Laras a obrigara a levar, antes de partirem. A intenção de Min era jogar tudo fora, mas, por algum motivo, ainda não o fizera. Havia um espelhinho na parte interna da tampa da caixa, e Leane começou a se maquiar usando os pincezinhos de pele de coelho. Ela nunca tinha demonstrado o menor interesse em qualquer daqueles objetos, mas parecia contrariada por só haver uma escova de madeira e um pequeno pente de marfim para os cabelos. Chegou ao ponto de resmungar por não ter como aquecer o ferro de cachear! Desde que haviam iniciado a busca de Suan, seu cabelo escuro crescera, mas ainda estava bem acima dos ombros.

Após assistir àquilo por um tempo, Min perguntou:

— O que está aprontando, Le... Amaena? — Ela evitou olhar para Suan. Min *conseguia* segurar a língua. Só estava confinada e sendo assada viva, isso sem falar na cereja do bolo: o julgamento. Enforcadas ou amarradas em praça pública. Que escolha! — Decidiu flertar com alguém?

Como Leane era toda trabalho e eficiência, a intenção era fazer uma piada, algo para deixar o clima mais leve, mas a mulher a surpreendeu.

— Isso — respondeu Leane, animada, arregalando os olhos para o espelho enquanto, com cuidado, fazia algo com os cílios. — E se eu flertar com o homem certo, talvez não precisemos nos preocupar com açoitamentos ou coisa do tipo. No mínimo, posso conseguir penas mais brandas para nós.

Com a mão a meio caminho de voltar a enxugar o rosto, Min se espantou — era como uma coruja anunciando sua intenção de virar beija-flor —, mas Suan simplesmente se sentou para encarar Leane nos olhos.

— De onde saiu essa ideia?

Se Suan lhe lançasse um olhar daqueles, Min suspeitava que confessaria coisas de que até já se esquecera. Quando Suan enquadrava alguém daquela maneira, a pessoa se pegava fazendo reverências e correndo para obedecer sem nem se dar conta. Até com Logain, na maioria das vezes, era assim — exceto pela reverência.

Com calma, Leane passou um pincel ao longo das maçãs do rosto e examinou o resultado no espelhinho. Chegou a olhar para Suan, mas, inde-

pendentemente do que viu, respondeu no mesmo tom seco com que sempre falava:

— Minha mãe era mercadora, vendia principalmente madeira e peles. Uma vez, eu a vi confundir a cabeça de um lorde de Saldaea até ele consignar toda a sua extração anual de madeira por metade do preço que o homem queria, e duvido que tenha se dado conta do que tinha feito até já estar quase chegando em casa. Se é que se deu conta... Depois, ainda enviou de presente um bracelete de pedra da lua. Nós, domanesas, não merecemos toda a reputação que temos, porque a maior parte foi invenção de gente pedante, teimosa e fofoqueira, mas merecemos parte dela. Claro que minha mãe e minhas tias ensinaram tudo isso para mim e para as minhas irmãs e primas.

Baixando o olhar para si mesma, Leane balançou a cabeça e voltou a dar seu sermão, após um suspiro:

— E, sinto dizer, eu já tinha essa altura toda aos quatorze anos. Era só joelhos e cotovelos, parecia um potro que cresceu rápido demais. Eu mal tinha aprendido a atravessar uma sala sem tropeçar, quando percebi que... — ela respirou fundo — percebi que a vida me levaria a caminhos diferentes dos de uma mercadora. Agora, até isso ficou para trás. Finalmente vou pôr em prática tudo o que aprendi há tantos anos. Dadas as circunstâncias, não consigo pensar em um momento ou local melhor.

Siuam examinou-a atentamente por mais algum tempo.

— O motivo não é esse. Não é só isso. Desembuche.

Arremessando a escovinha para dentro da caixa, Leane se enfureceu.

— Não é só isso? Eu não sei qual é o motivo. Só sei que preciso de algo em minha vida para substituir... o que eu perdi. Você mesma disse que essa é a única chance de sobreviver. Vingança, para mim, não basta. Sei que sua causa é necessária, talvez até correta, mas, que a Luz me salve, também não é suficiente. Não consigo me envolver tanto quanto você. Talvez eu tenha entrado nessa tarde demais. Vou continuar do seu lado, mas isso não me basta.

A raiva foi passando enquanto ela tampava e guardava os potes e frascos, ainda que usasse mais força nos gestos do que seria necessária. A mulher exalava um levíssimo aroma de rosas.

— Sei que flertar não é algo para preencher um vazio, mas é o suficiente para acabar com um momento de tédio. Ser quem eu nasci para ser talvez já baste. Não sei. Essa ideia não é nova. Sempre quis ser como minha mãe e minhas tias. Às vezes, mesmo depois de adulta, eu fantasiava com isso.

A expressão de Leane se tornou pensativa, e os últimos objetos foram para a caixa com mais delicadeza.

— Talvez eu sempre tenha tido a sensação de que estava fingindo ser alguém que não sou, criando uma máscara que acabou adquirindo personalidade própria. Havia trabalho sério a ser feito, mais sério que o de comerciante, e quando eu percebi que poderia ter seguido outro caminho, essa máscara já estava presa demais para ser retirada. Bem, agora isso já passou e a máscara *está* saindo. Cheguei até a pensar em tentar com Logain, na semana passada, só para praticar. Mas *estou* destreinada demais, e acho que ele é o tipo de homem que escuta mais promessas do que foi sua intenção fazer, e que depois espera que elas sejam cumpridas. — Um sorrisinho brotou de repente em seus lábios. — Minha mãe sempre dizia que, se isso acontecesse, era um grave erro de cálculo, e que, se não houvesse saída, era preciso ou abandonar a dignidade e fugir, ou pagar o preço e aprender uma lição. — O sorriso ganhou ares de safadeza. — Minha tia Resara dizia que era melhor pagar o preço e aproveitar.

Min apenas balançava a cabeça. Era como se Leane tivesse se tornado outra mulher. Falando daquele jeito sobre...! Mesmo ouvindo, mal podia acreditar. Na verdade, Leane até parecia diferente. Mesmo após tanto trabalho com as escovas, Min não conseguia identificar no rosto dela o menor sinal de tintas ou pós, mas os lábios pareciam mais cheios, as maçãs do rosto, mais altas, e os olhos, maiores. Em qualquer situação, ela era uma mulher mais do que bonita. Naquele momento, no entanto, sua beleza havia quintuplicado.

Siuam, porém, ainda não tinha terminado.

— E se esse lorde do interior for como Logain? — conjecturou delicadamente. — O que você vai fazer?

Ainda ajoelhada, Leane retesou as costas e engoliu em seco antes de responder, a voz perfeitamente equilibrada:

— Dadas as opções, o que você faria?

Ninguém nem piscou, e o silêncio se estendeu.

Antes que Siuam pudesse responder — se é que ela pretendia dar uma resposta; Min teria adorado ouvir —, a corrente e o cadeado rangeram do outro lado da porta.

As outras mulheres se ergueram devagar enquanto pegavam os alforjes e se punham calmamente a postos, mas Min levantou-se de um salto, desejando estar de posse ao menos de uma adaga. *Que coisa boba para se desejar*, pensou. *Só me encrencaria ainda mais. Não sou a maldita heroína de uma história. Mesmo que eu saltasse sobre o guarda...*

A porta se abriu, e um homem trajando um justilho de couro por cima da camisa preencheu toda a passagem. Não era um sujeito que pudesse ser atacado por uma jovem, mesmo que armada com uma adaga. Talvez nem com um machado. Largo era a palavra certa para descrevê-lo. E maciço. Os poucos cabelos que ainda lhe restavam eram quase todos brancos, mas sua figura era firme como um toco de carvalho.

— Hora de prestarem contas ao lorde, garotas — anunciou ele com rudeza. — Vão vir andando ou vamos ter que arrastar vocês feito sacas de grãos? Vocês vão vir comigo de um jeito ou de outro, mas, com este calor, eu preferia não ter que carregar ninguém.

Dando uma espiadela por trás dele, Min viu outros dois homens aguardando, ambos grisalhos e, se não tão grandes, igualmente fortes.

— Vamos andando — respondeu Suan, seca.

— Ótimo. Então venham. Me acompanhem. Lorde Gareth não vai gostar de ficar esperando.

Apesar da promessa de que iriam andando, cada um dos homens tomou uma das garotas pelo braço com firmeza, e todos começaram a percorrer a poeirenta rua de terra. A mão do homem quase careca circundou o braço de Min feito uma algema. *Forte demais para eu pensar em sair correndo*, concluiu ela com amargura. A garota até considerou chutá-lo na canela para ver se isso o fazia afrouxar o aperto, mas o homem parecia tão sólido que ela suspeitou que a ideia só lhe renderia um dedão machucado e ser arrastada pelo resto do caminho.

Leane aparentava estar perdida em pensamentos. A mulher fazia gestos incompletos com a mão livre enquanto movia os lábios em silêncio, como se estivesse repassando o que pretendia dizer, mas toda hora balançava a cabeça e reiniciava o processo. Suan também estava introspectiva, mas tinha uma expressão preocupada bem nítida, mordendo o lábio. Ela *nunca* demonstrava tanta falta de tranquilidade. Em resumo, as duas não colaboravam em nada para a confiança de Min.

O salão com teto em madeira trançada d'A Justiça da Boa Rainha colaborava ainda menos. Com cabelos compridos e finos e um machucado amarelado em torno do olho inchado, Admer Nen estava de pé a um lado, acompanhado de meia dúzia de irmãos e primos igualmente corpulentos, além de suas esposas, todos vestidos com os melhores casacos ou aventais. Os fazendeiros encravavam as três prisioneiras com um misto de raiva e satisfação que revirou o estômago de Min. Talvez os olhares das esposas fossem ainda piores, de puro ódio. As demais paredes estavam tomadas por seis fileiras de aldeões, todos

paramentados para o trabalho que haviam interrompido para estar ali. O ferreiro ainda trajava o avental de couro, e várias mulheres tinham as mangas puxadas e os braços polvilhados de farinha. O local fervilhava com os murmúrios coletivos, tanto dos mais velhos quanto das poucas crianças, e os olhos de todos estavam tão avidamente concentrados nas três mulheres quanto os olhos da família Nen. Min imaginou que aquela devia ser a maior agitação que Fontes de Kore já testemunhara. Ela já havia visto uma multidão com aquele estado de espírito: em uma execução.

As mesas tinham sido removidas, exceto por uma única, que fora colocada à frente da comprida lareira de tijolinhos. Um homem truncado, de rosto franco e espessos cabelos grisalhos estava sentado diante dos presentes. Ele usava um casaco de seda verde-escuro elegante e repousava as mãos entrelaçadas à frente do corpo, sobre a mesa. Uma mulher esguia, que aparentava ter a mesma idade, estava de pé ao lado e trajava um bonito vestido de lã cinza bordado com flores brancas em torno do pescoço. Era o lorde local, Min supunha, e sua esposa: a nobreza do interior, só um pouco mais bem informada sobre o mundo do que seus arrendatários e agricultores.

Os guardas posicionaram as três diante da mesa do lorde e se misturaram ao público. A mulher de cinza deu um passo à frente, cessando o burburinho.

— Que todos os aqui presentes acompanhem e ouçam bem — anunciou ela —, pois hoje a justiça será feita por Lorde Gareth Bryne. Prisioneiras, vocês foram convocadas para o julgamento de Lorde Bryne.

Então não se tratava da esposa do lorde, e sim de algum tipo de funcionária. Gareth Bryne? Até onde Min sabia, ele era Capitão-General da Guarda da Rainha, em Caemlyn. Isso se fosse o mesmo homem. Ela olhou para Siuan, mas a mulher tinha os olhos fixos nas tábuas do assoalho. Quem quer que fosse, Bryne aparentava estar cansado.

— Vocês são acusadas — prosseguiu a mulher de cinza — de invasão noturna, incêndio criminoso, destruição de uma construção e todo o seu conteúdo, matança de uma valiosa criação de gado, ataque à pessoa de Admer Nen e roubo de uma bolsa que, supostamente, continha ouro e prata. Sabe-se que o ataque e o roubo foram obra de seu acompanhante, que escapou, mas vocês três, aos olhos da lei, são igualmente imputáveis.

Quando a mulher fez uma pausa para que tudo aquilo fosse devidamente assimilado, Min trocou olhares pesarosos com Leane. Claro que Logain tinha que ter piorado a situação com aquele roubo. Àquela altura, já devia estar na metade do caminho para Murandy, se não mais longe.

Após alguns instantes, a mulher recomeçou:

— Seus acusadores estão aqui para confrontá-las. — Ela gesticulou para a família Nen. — Admer Nen, você dará seu testemunho.

Em um misto de prepotência e timidez, o homem corpulento foi calmamente até a frente, alisando o casaco sobre a barriga, onde os botões de madeira esticavam o tecido, e passando as mãos nos cabelos ralos que viviam caindo no rosto.

— Como eu disse, Lorde Gareth, foi assim...

O fazendeiro fez um relato bastante franco sobre como os descobrira no estábulo e ordenara sua saída, ainda que tenha dito que Logain era um pouco mais alto do que de fato era, e tenha transformado o único soco desferido em uma luta na qual o fazendeiro o encarara de igual para igual. A lamparina caíra, o feno fora pelos ares, e o restante da família saíra correndo de dentro de casa enquanto o dia ainda nascia. Os prisioneiros tinham sido capturados, e o estábulo, destruído pelo fogo, e só então descobriu-se que a bolsa desaparecera da casa. Ele ignorou a parte da história em que um empregado de Lorde Bryne passou por lá no momento em que alguns integrantes da família traziam cordas e procuravam galhos de árvores.

Quando voltou a tocar no assunto da “luta”, que, desta vez, parecia estar ganhando, Bryne o interrompeu:

— Já chega, Mestre Nen. Pode voltar para o seu lugar.

Em vez disso, uma das mulheres da família Nen, de rosto redondo e com idade para ser esposa de Admer, se juntou a ele. Um rosto redondo feito uma frigideira ou uma pedra de rio, mas que não tinha nada de delicado. E ruborizado por algo mais que raiva.

— Chicoteie bem essas adúlteras, ouviu, Lorde Gareth? Chicoteie bem e arraste todas elas daqui até Jornhill!

— Ninguém lhe passou a palavra, Maigan — advertiu a esguia mulher de cinza. — Isto é um julgamento, não uma reunião peticionária. Você e Admer, um passo atrás. Já. — Os dois obedeceram, Admer com um pouco mais de boa vontade que Maigan. A mulher de cinza virou-se para Min e suas companheiras. — Se desejarem dar seu testemunho em defesa ou mitigação, podem fazer isso agora. — Não havia compaixão nem sentimento algum em sua voz.

Min esperava que Suan falasse — a antiga Amyrlin sempre assumia a liderança e tomava a palavra —, mas, desta vez, a mulher sequer se moveu ou ergueu os olhos. Foi Leane quem caminhou até a mesa com os olhos fixos no homem ali sentado.

Apesar de continuar absolutamente ereta, seu caminhar habitual — um trote gracioso, mas um trote — se tornara um deslizar, com apenas o vestígio

de um balanço delicado. De alguma forma, os quadris e os seios saltaram mais aos olhos. Não que ela quisesse ostentá-los. Era o jeito como se movia que atraía a atenção.

— Milorde, somos três mulheres indefesas, refugiadas das tempestades que varrem o mundo. — O tom de voz habitualmente enérgico desaparecera, dando lugar a uma carícia suave e aveludada. Havia luz em seus olhos escuros, uma espécie de desafio ardente. — Perdidas e sem nenhum tostão, nos abrigamos no estábulo de Mestre Nen. Erramos, eu sei, mas estávamos com medo da noite. — Com um pequeno gesto, mãos parcialmente erguidas e pulsos voltados para Bryne, Leane, por um momento, aparentou estar absolutamente indefesa. Mas só por um momento. — O homem, Dalyn, era de fato um estranho para nós, alguém que nos ofereceu sua proteção. Nos dias de hoje, mulheres desacompanhadas precisam de um protetor, milorde, mas temo que nossa escolha tenha sido infeliz. — Ela arregalou os olhos e fez uma expressão de súplica que insinuava que talvez o lorde pudesse ser um protetor bem melhor. — Na verdade, foi ele quem atacou Mestre Nen, milorde. Nós teríamos fugido ou trabalhado para compensar a noite de hospedagem. — Caminhando até a lateral da mesa, ela se ajoelhou graciosamente ao lado da cadeira de Bryne. Com delicadeza, Leane pôs os dedos de uma das mãos no punho do Lorde, olhando-o nos olhos. Sua voz tremia um pouco, mas seu sorriso tímido era o bastante para acelerar o coração de qualquer homem. Era... sugestivo. — Milorde, somos culpadas de um crime menor, e não do quanto estamos sendo acusadas. Sujeitamo-nos à sua misericórdia. Eu lhe imploro, milorde, que tenha piedade de nós e nos proteja.

Por um longo instante, Bryne devolveu o olhar. Em seguida, pigarreando grosseiramente, afastou a cadeira, levantou-se e caminhou até a outra ponta da mesa. Ouvia-se um burburinho entre os aldeões e fazendeiros, os homens limpando a garganta como o Lorde fizera e as mulheres resmungando palavras inaudíveis. Bryne parou em frente a Min:

— Qual é o seu nome, garota?

— Min, milorde. — Ao notar o grunhido abafado de Suan, acrescentou: — Serenla Min. Mas todos me chamam de Serenla, milorde.

— Sua mãe deve ter tido uma premonição — murmurou ele, sorrindo. Bryne não fora o primeiro a reagir com simpatia ao nome dela. — Alguma afirmação a fazer, Serenla?

— Apenas que lamento muito, milorde. A culpa, de fato, não foi nossa. Dalyn é o culpado de tudo. Peço seu perdão, milorde.



Aquilo não parecia grande coisa em comparação às desculpas de Leane, até porque qualquer outra resposta seria insignificante perto da atuação dela, mas foi o melhor que Min pôde fazer. Sua boca estava tão seca quanto a rua lá fora. E se ele realmente decidisse enforcá-las?

Assentindo, Bryne foi até Suan, que ainda estudava o piso. Segurando o queixo dela, ergueu seu rosto até os olhos se encontrarem com os dele.

— E qual é o seu nome, garota?

Balançando a cabeça, Suan afastou o toque dele e deu um passo atrás.

— Mara, milorde — sussurrou. — Mara Tomanes.

Min deixou escapar um gemido baixo. Suan estava claramente assustada, mas, ao mesmo tempo, encarava o homem de modo desafiador. Min achou que tinha grandes chances de ela pedir ao lorde para libertá-las imediatamente. Ele perguntou se ela queria fazer alguma declaração, e Suan negou com outro susurro vacilante, mas sempre encarando-o como se estivesse no comando. Ela podia estar controlando a língua, mas, decerto, não controlava os olhos.

Após um momento, Bryne se virou.

— Volte para seu lugar junto de suas amigas, garota — ordenou ele a Leane enquanto retornava à cadeira.

A antiga Curadora se juntou às outras duas com um olhar que não escondia a frustração, e com o que, vindo de qualquer outra, Min chamaria de um quê de petulância.

— Já tomei minha decisão — anunciou o Lorde para todos os presentes. — Os crimes são graves, e nada do que escutei altera os fatos. Se três homens invadem a casa de outro para roubar castiçais, e um deles ataca o proprietário, todos são igualmente culpados. Deve haver alguma indenização. Mestre Nen, custearei toda a reconstrução do estábulo e mais seis vacas leiteiras.

Os olhos do fazendeiro brilharam, e Bryne acrescentou:

— Caralin irá desembolsar o valor quando estiver satisfeita com os custos e preços. Soube que algumas de suas vacas estavam ficando sem leite.

A mulher esguia assentiu, satisfeita.

— Pela pancada na cabeça, concedo a você um marco de prata. Não reclame — advertiu com firmeza, quando Admer já se preparava para falar. — Maigan já lhe deu pancadas piores por exagerar na bebida. — As palavras foram recebidas com uma onda de gargalhadas. O olhar meio envergonhado de Nen não as refutava, e o modo silencioso como Maigan encarou o marido só fez confirmá-las. — Também irei restituir a quantia roubada assim que Caralin se der por satisfeita com o valor que a bolsa continha. — O fazendeiro e a esposa

pareciam igualmente desgostosos, mas se contiveram. Estava bem claro que o Lorde já dera aos dois tudo o que daria. Min começou a ter esperanças.

Apoiando os cotovelos na mesa, Bryne voltou a atenção para ela e as outras duas. Suas palavras lentas deram um nó no estômago de Min.

— Vocês três vão trabalhar para mim e receberão os honorários normais das tarefas que desempenharem, até minhas despesas serem reembolsadas. Não pensem que estou sendo leniente. Se fizerem um juramento que me satisfaça, não precisarão ser vigiadas e trabalharão na minha propriedade. Se não, trabalharão no campo, onde ficarão o tempo inteiro sob o olhar atento de alguém. Os honorários no campo são menores, mas a decisão é de vocês.

Min vasculhou freneticamente a cabeça em busca do juramento mais fraco que pudesse satisfazê-lo. Não gostava de descumprir sua palavra em nenhuma circunstância, mas pretendia dar no pé assim que tivesse oportunidade e não queria ficar com a consciência muito pesada pela quebra de um juramento.

Leane também parecia estar procurando uma saída, mas Siuan mal hesitou antes de se ajoelhar e entrelaçar as mãos à altura do coração. Os olhos dela pareciam fixos aos de Bryne, o ar desafiador em nada diminuído.

— Pela Luz e pela minha esperança na salvação e no renascimento, juro servi-lo no que me for exigido, pelo tempo que for, ou que a face do Criador se afaste de mim para sempre e as trevas consumam minha alma — pronunciou a mulher, em um sussurro ofegante, mas as palavras geraram um silêncio mórbido.

Não havia juramento mais profundo, exceto pelo proferido por uma mulher ao se tornar Aes Sedai, quando o Bastão dos Juramentos gravava nelas as palavras como se em sua própria carne.

Leane fitou Siuan e, logo depois, também se ajoelhou.

— Pela Luz e pela minha esperança na salvação e no renascimento...

Min tentou desesperadamente encontrar uma alternativa. Proferir um juramento inferior ao das outras significaria, certamente, os campos e a vigilância permanente, mas aquelas palavras... Pelo que aprendera, quebrá-lo não seria muito diferente de cometer um assassinato — talvez fosse tão ruim quanto. A questão é que *não havia* saída: era o juramento ou sabe-se lá quantos anos de trabalho no campo o dia inteiro, provavelmente passando a noite trancada. Deixando-se cair ao lado das outras duas, Min balbuciou as palavras, remoendo-se por dentro. *Siuan, sua idiota! No que você foi me meter? Eu não posso ficar aqui! Preciso ir atrás de Rand! Ah, Luz, me ajude!*

— Bem — ofegou Bryne quando a última palavra foi dita —, eu não esperava tanto. Mas estou satisfeito. Caralin, leve Mestre Nen para algum outro aposento e descubra de quanto ele acredita que foram as perdas. E também dispense os demais, menos essas três. Tome as providências para o transporte delas até a propriedade. Dadas as circunstâncias, não creio que vamos precisar de guardas.

A mulher esguia lançou a ele um olhar cansado, mas logo ordenou a saída de todos. A multidão foi se acotovelando para sair. Admer Nen e seus parentes homens ficaram por perto, o rosto do fazendeiro especialmente tingido de avareza. As mulheres Nen tinham expressões quase tão gananciosas quanto a dos homens, mas ainda conseguiram reservar alguns olhares de condenação para Min e as outras, que permaneciam de joelhos enquanto o local se esvaziava. Min, pessoalmente, achava que suas pernas não dariam conta de sustentá-la, e as mesmas frases se repetiam incessantemente em seu pensamento: *Ah, Siuan, por quê? Eu não posso ficar aqui. Não posso!*

— Já tivemos alguns refugiados por aqui — comentou Bryne quando o último aldeão já havia saído. O homem reclinou-se na cadeira, estudando-as. — Mas nunca um trio tão incomum quanto vocês. Uma domanesa. Uma tairena? — Siuan assentiu brevemente. Ela e Leane se levantaram, a mulher esbelta e de pele acobreada esfregando os joelhos com delicadeza, enquanto Siuan simplesmente se punha de pé. Min, com as pernas trêmulas, deu um jeito de se juntar às duas. — E você, Serenla... — Outra vez, o mais tímido dos sorrisos brotou quando ele pronunciou aquele nome. — A menos que eu esteja confundindo o sotaque, você é de algum lugar a oeste de Andor.

— Baerlon — murmurou ela, arrependendo-se tarde demais. Alguém podia saber que Min era de Baerlon.

— Nunca ouvi falar de refugiados do oeste — ponderou o homem em tom questionador. Como ela ficou calada, ele não a pressionou. — Depois que tiverem pagado a dívida, serão bem-vindas para permanecerem trabalhando para mim. A vida pode ser bem difícil para os que perderam seus lares, e até um catre de empregada é melhor do que dormir sob um arbusto qualquer.

— Obrigada, milorde — agradeceu Leane carinhosamente, fazendo uma reverência tão graciosa que, mesmo trajando o grosseiro vestido de cavalgada, parecia estar dançando. O agradecimento de Min foi mais duro, ela não confiava nos joelhos para fazer uma reverência. Já Siuan simplesmente se manteve de pé, encarando o homem sem dizer nada.

— Pena que o companheiro de vocês levou os cavalos. Quatro animais reduziriam bastante a dívida.

— Ele era um estranho, e um vagabundo — corrigiu Leane com uma voz apropriada para dizer coisas bem mais íntimas. — Eu, pelo menos, estou felicíssima por trocar a proteção dele pela sua, milorde.

Bryne encarou-a — com apreço, Min pensou —, mas tudo o que disse foi:

— Pelo menos vocês estarão seguras na propriedade, longe dos Nen.

Ninguém comentou a afirmação. Min supunha que esfregar o chão na propriedade de Bryne não seria muito diferente de esfregar o chão na fazenda dos Nen. *Como é que eu saio dessa? Como, Luz?*

O silêncio se prolongou, tirando apenas o tamborilar dos dedos de Bryne na mesa. Min poderia até pensar que ele não sabia mais o que dizer, mas tinha a impressão de que aquele homem jamais ficava desprevenido. Era mais provável que estivesse irritado com o fato de apenas Leane estar demonstrando gratidão. Imaginou que ele estivesse pensando que a sentença poderia ter sido bem pior. Talvez os olhares calorosos e o tom de voz carinhoso até tivessem funcionado, mas Min se viu desejando que a mulher tivesse se comportado como sempre. Ficar pendurada pelos pulsos na praça da aldeia seria melhor que aquilo.

Caralin finalmente retornou, resmungando para si mesma. Ao se reportar para Bryne, soou irritadiça.

— Levará dias até conseguirmos respostas convincentes daqueles Nen, Lorde Gareth. Se eu deixasse, Admer teria cinco estábulos novos e cinquenta vacas. Pelo menos acredito que realmente existia uma bolsa, mas quanto à quantia que havia dentro... — Ela balançou a cabeça e suspirou. — Bem, vou acabar descobrindo. Caso tenha acabado, Joni está pronto para levar as garotas à propriedade.

— Pode levá-las, Caralin — autorizou Bryne, levantando-se. — Assim que tiver enviado as três, me encontre na olaria. — Ele voltou a soar cansado. — Thad Haren diz que precisa de mais água para continuar fazendo tijolos, e só a Luz sabe onde vou arrumar. — O Lorde deixou o local como se já tivesse esquecido as três garotas que haviam acabado de jurar servi-lo.

Joni era o homem largo e meio careca que fora buscá-las no celeiro, e que, àquela altura, esperava por elas na porta da estalagem ao lado de uma carroça com rodas grandes, coberta por uma tela redonda e puxada por um cavalo marrom bem magro. Alguns aldeões tinham ficado por ali para acompanhar a partida das mulheres, mas a maior parte parecia ter voltado para as casas, fugindo do calor. Gareth Bryne já ia bem longe pela rua de terra.

— Joni levará vocês em segurança até a propriedade — informou Caralin. — Sigam as ordens, e não acharão a vida muito difícil. — Por um momento, Caralin encarou as três, seus olhos escuros quase tão penetrantes quanto os de Sivan. Então assentiu, como se estivesse satisfeita, e apressou-se atrás de Bryne.

Na parte de trás da carroça, Joni abriu as cortinas para as mulheres, mas as deixou subir sozinhas e tomar seus assentos nos bancos do veículo. Além da pesada cobertura, que retinha o calor, só havia um pouco de palha servindo de estofamento. O homem não disse uma só palavra. A carroça balançou enquanto ele tomava o assento do condutor, do lado de fora da cobertura. Min ouviu quando Joni estalou a língua para o cavalo, fazendo o veículo partir, as rodas rangendo levemente e dando solavancos em um ou outro buraco.

A fresta na cobertura era suficiente para Min espiar a aldeia ficando para trás e desaparecendo, substituída ora por longos matagais, ora por campos cercados. Sentia-se atordoada demais para falar. A grande causa de Sivan acabou se transformando em esfregar painéis e assoalhos. Min jamais deveria tê-la ajudado ou ficado ao lado dela. Na primeira oportunidade, deveria ter partido para Tear.

— Bem — disse Leane, de repente —, acabou não sendo tão ruim.

Seu tom de voz enérgico retornara, mas agora acompanhado de bochechas coradas de entusiasmo. Entusiasmo!

— Poderia ter sido melhor, mas a prática vai cuidar disso. — Seu riso abafado soou um tanto animado. — Eu nunca tinha me dado conta de como seria divertido. Quando senti o pulso dele acelerar... — Por um instante, estendeu a mão como fizera ao tocar o punho de Bryne. — Acho que nunca me senti tão viva, tão desperta. Tia Resara dizia que a falcoaria com homens é mais divertida que com falcões, mas só entendi isso hoje.

Lutando para manter o equilíbrio no balançar da carroça, Min arregalou os olhos na direção dela.

— Você ficou doida? Quantos anos vamos perder com o juramento? Dois? Cinco? Suponho que tenha esperança de que Bryne vá passar esse tempo todo com você no colo, sendo mimada! Bem, tomara que ele deixe você cair no chão. E todo dia!

A expressão de espanto no rosto de Leane não melhorou em nada o humor de Min. Ela esperava que Min encarasse aquilo com a mesma calma? Mas não era de Leane que estava mesmo com raiva. Ela se virou para encarar Sivan.

— E você?! Quando decide se render, não se contém! Você se entrega feito uma ovelhinha no abatedouro. Por que escolheu justo *aquele* juramento? Por quê, pela Luz?

— Porque — respondeu Suan — era o único que garantiria que ele não mandaria ninguém ficar nos vigiando dia e noite, dentro ou fora da propriedade. — Ela souu como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo, enquanto se esticava quase inteiramente nas tábuas ásperas da carroça. E Leane parecia concordar.

— Você pretende quebrá-lo? — questionou Min após alguns instantes. A pergunta saiu como um sussurro surpreso, mas, ainda assim, ela olhou com preocupação as cortinas de tela que as separavam de Joni. Min não achava que o condutor tivesse escutado.

— Pretendo fazer o necessário — respondeu Suan com um misto de firmeza e delicadeza. — Em dois ou três dias, quando eu tiver certeza de que realmente não há ninguém nos vigiando, nós vamos embora. Receio que tenhamos que pegar cavalos, já que não temos mais os nossos. Bryne deve ter boas estrebarias. Vou acabar me arrependendo disso.

Leane continuava sentada feito uma gata com os bigodes sujos de leite. Devia ter percebido o plano desde o início. Por isso não hesitara na hora do juramento.

— Vai se arrepender de roubar cavalos? — perguntou Min, mantendo a voz baixa. — Vocês planejam quebrar um juramento que só um Amigo das Trevas quebraria, e vão se arrepender de roubar cavalos? Não consigo acreditar em vocês. Não *conheço* vocês.

— Você realmente pretende ficar aqui esfregando panelas? — perguntou Leane, falando tão baixo quanto as outras. — Com Rand à solta por aí com seu coração no bolso?

Min a encarou em silêncio. Gostaria que as duas jamais tivessem ficado sabendo que ela estava apaixonada por Rand al'Thor. Por vezes, desejava que nem ela própria soubesse. Um homem que mal sabia da existência dela, e um homem como aquele. O que ele era já não parecia tão importante quanto o fato de que nunca prestara atenção em Min. Mas, na verdade, eram duas partes do mesmo problema. Queria afirmar que manteria o juramento e esqueceria Rand pelo tempo que fosse necessário para trabalhar e saldar sua dívida. No entanto, não conseguiu abrir a boca. *Que o queime! Se eu não tivesse conhecido Rand, não estaria nesta enrascada!*

Quando o silêncio entre elas havia se estendido demais para o gosto de Min, interrompido apenas pelo rangido ritmado das rodas e a delicada batida das patas do cavalo, Suan falou:

— Pretendo cumprir o que prometi, mas só quando tiver terminado o que *preciso* fazer. Não jurei que o serviria imediatamente. Para ser bem justa, tive o

cuidado de nem sugerir isso. Uma minúcia, eu reconheço, e algo de que Gareth Bryne não vai gostar, mas é verdade.

Impressionada, Min se curvou e se deixou sacudir pelo lento movimento da carroça.

— Vocês pretendem fugir e voltar alguns anos depois para se entregar a Bryne? Ele vai vender o couro das duas em um curtume. O *nosso* couro.

Ao dizer isso, ela se deu conta de que apoiara a solução de Sivan. Fugir, depois voltar e... *Não posso! Eu amo Rand. E ele nem notaria se Gareth Bryne me obrigasse a trabalhar em suas cozinhas pelo resto da vida!*

— Não é um homem que se deva contrariar, concordo — suspirou Sivan. — Eu já tinha me encontrado com ele antes. Fiquei aterrorizada pela ideia de ele reconhecer minha voz hoje. Rostos até mudam, mas vozes, não. — Sivan tocou o próprio rosto de maneira pensativa, como às vezes fazia, parecendo não se dar conta do gesto. — Rostos mudam... — murmurou. Então seu tom de voz ficou mais firme. — Já paguei preços altos por coisas que precisei fazer, e vou pagar mais este. Um dia. Entre se afogar e cavalgar um peixe-leão, melhor cavalgar e torcer para dar certo. Simples assim, Serenla.

— Trabalhar como serviçal está bem distante do futuro que eu escolheria — opinou Leane —, mas *vai ficar* para o futuro, e ninguém sabe o que pode acontecer até lá. Ainda me lembro muito bem de quando eu achava que nem teria futuro. — Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios, seus olhos semicerrados, sonhadores, e sua voz se aveludou. — Além do quê, não acho que ele vá vender nosso couro. Me deem alguns anos de prática, depois alguns minutos com Lorde Gareth Bryne, e ele nos receberá de braços abertos e ainda vai nos alojar nos melhores quartos. Seremos embelezadas com sedas e teremos a caruagem dele à disposição para nos levar aonde quisermos.

Min a deixou ficar envolta naquela fantasia. Por vezes, pensava que as outras duas viviam no mundo da lua. Outra questão lhe veio à mente. Era bobagem, mas estava começando a irritá-la.

— Ah, Mara, me diga uma coisa: notei que algumas pessoas sorriem quando você me chama pelo meu nome, Serenla. Bryne sorriu e disse algo sobre minha mãe ter tido uma premonição. Por quê?

— Na Língua Antiga — explicou Sivan —, seu nome significa “filha teimosa”. E você realmente teve um rompante de teimosia quando nos conhecemos. Fiz bom uso do meu conhecimento ao escolher o nome. — Sivan tinha coragem de dizer aquilo? Sivan, a mulher mais teimosa do mundo?! O sorriso dela ia de

orelha a orelha. — Claro que você parece estar melhorando. Na próxima aldeia, seu nome poderia ser Chalinda. Significa “garota doce”. Ou talvez...

De repente, a carroça sacudiu mais forte e ganhou velocidade, como se o cavalo tivesse começado a galopar. Esbarrando uma na outra feito grãos em uma peneira, as três se encararam, surpresas. Então Siuan buscou apoio para se levantar e puxou a tela que as separava do condutor. Joni desaparecera. Lançando-se por cima do assento de madeira, a mulher assumiu as rédeas e deu um puxão, forçando o cavalo a parar. Min abriu a cortina traseira e olhou ao redor.

O trecho de estrada em que estavam cruzava um matagal, praticamente uma pequena floresta de carvalhos, olmos, pinheiros e folhas-de-couro. A poeira da súbita corrida da carroça ainda se assentava, parte dela sobre Joni, cujo corpo estava esparramado umas sessenta passadas atrás, ao lado da estrada de terra bem dura.

Instintivamente, Min saltou, saiu em disparada e se ajoelhou ao lado do corpulento condutor. O homem ainda respirava, mas os olhos estavam fechados e, na lateral da cabeça, havia um corte com bastante sangue em uma protuberância arroxeadada.

Leane afastou Min e examinou a cabeça de Joni com dedos hábeis.

— Ele vai sobreviver — afirmou secamente. — Não parece ter nada quebrado, mas ele vai ter dores de cabeça por vários dias depois que acordar. — Sentada nos calcanhares, ela entrelaçou as mãos, e sua voz se entristeceu. — Seja como for, não há nada que eu possa fazer por ele. Que me queime, prometi a mim mesma que não lamentaria mais por isso.

— A questão... — Min engoliu em seco e recomeçou. — A questão é: colocamos o homem na carroça e o levamos à propriedade ou... fugimos?

*Pela Luz, sou igualzinha a Siuan!*

— Podemos levá-lo só até a próxima fazenda — sugeriu Leane.

Siuan foi até elas, puxando as rédeas como se temesse que o plácido animal pudesse mordê-la. Ao dar uma olhada para o homem no chão, franziu a testa.

— Ele jamais imaginou que cairia da carroça. Não estou vendo nenhuma pedra ou raiz que possa ter causado a queda. — Quando a mulher começou a examinar a vegetação do entorno, um homem montado em um imponente garanhão negro surgiu de trás das árvores conduzindo três éguas, uma delas desgrehnada e duas mãos menor que as outras duas.

Era um homem alto, trajando um manto de seda azul com uma espada na lateral, cabelos que ondulavam na altura dos ombros largos, e dono de uma



beleza soturna, apesar da expressão endurecida, como se os infortúnios o tivessem marcado profundamente. E era o último homem que Min esperava ver.

— Isto é obra sua? — perguntou Suan.

Parando o cavalo ao lado da carroça, Logain sorriu, embora não houvesse muito prazer no gesto.

— Estilingues são armas úteis, Mara. Vocês têm sorte de eu estar aqui. Pensei que só deixariam a aldeia daqui a algumas horas, e que sairiam andando com dificuldade. Parece que o lorde local foi indulgente. — De repente, seu rosto ficou ainda mais sombrio, e a voz, dura feito pedra. — Acharam que eu iria abandoná-las à própria sorte? Talvez devesse. Você me fez promessas, Mara. Quero a vingança que me prometeu. Acompanhei você nesta busca, mesmo sem saber seus motivos, por quase metade do caminho até o Mar das Tempestades. Não lhe fiz perguntas sobre como pretende me dar o que prometeu, mas agora vou ser mais direto: seu tempo está se esgotando. Termine logo sua busca e cumpra as promessas, ou vou abandoná-la para que se vire sozinha. Você vai perceber bem rápido que a maior parte das aldeias é bem pouco simpática a estranhos sem dinheiro. Três mulheres bonitas sozinhas? Isso aqui — Logain tocou a espada em sua cintura — as manteve vivas mais vezes do que imaginam. Encontre logo o que está procurando, Mara.

Ele não fora tão arrogante no começo daquela jornada. Naquela época, ficara humildemente agradecido pela ajuda *delas* — tão humilde quanto um homem como Logain podia ser, pelo menos. Parecia que o tempo e a falta de resultados haviam murchado sua gratidão.

Suan não se curvou ao olhar dele.

— Espero encontrar logo — afirmou ela, convicta. — Mas, caso queira ir, deixe nossos cavalos e vá! Se não quer remar, abandone o barco e trate de ir nadando sozinho! Experimente ver até onde vai, movido apenas pela sua vingança.

As mãos grandes de Logain apertaram tanto as rédeas que Min ouviu as articulações estalarem. Ele tremia, as emoções em xeque.

— Vou ficar um pouco mais, Mara — respondeu ele, por fim. — Só um pouquinho mais.

Por um instante, aos olhos de Min, uma auréola brilhou em torno da cabeça de Logain, uma coroa radiante azul e dourada. Suan e Leane não viram nada, claro, embora soubessem da habilidade de Min. Às vezes, ela via coisas a respeito de algumas pessoas — visões, como chamava. Eram imagens ou auras. Em certas situações, Min entendia o que significavam: aquela mulher vai se casar, aquele homem vai morrer. Pequenas questões ou grandes eventos, felizes ou

sombrios, sem quê nem por quê, sem quem nem quando nem onde. Aes Sedai e Guardiões sempre tinham auras, mas a maioria das pessoas, não. Ter aquelas visões nem sempre era agradável.

Min já vira a auréola de Logain e sabia o que significava: glórias futuras. Mas não fazia o menor sentido prever aquilo para ele, talvez ainda menos do que para qualquer homem. Seu cavalo, sua espada e seu manto tinham sido conseguidos em jogos de dados, embora Min não estivesse certa de que haviam sido completamente honestos. Fora as promessas de Suan, ele não tinha mais nada, nenhuma outra perspectiva. E como Suan poderia cumprir sua palavra? A simples menção do nome dele provavelmente resultaria em uma sentença de morte. Não fazia mesmo sentido.

O humor de Logain melhorou tão rápido quanto havia piorado. Puxando uma gorda bolsa de lã do cinto, chacoalhou-a na direção das mulheres.

— Consegui algumas moedas. Não vamos precisar dormir em outro estábulo por algum tempo.

— Ficamos sabendo — retrucou Suan, seca. — Suponho que eu não deveria ter esperado nada melhor de você.

— Encare isso como uma contribuição para a sua busca. — Ela esticou a mão, mas Logain amarrou a bolsa de volta ao cinto com um sorriso ligeiramente zombeteiro. — Eu não gostaria de macular sua mão com moedas roubadas, Mara. Além disso, talvez seja uma maneira de garantir que *você* não vai partir e *me* largar aqui. — Suan parecia capaz de partir um prego ao meio com os dentes, mas não falou nada. De pé nos estribos, Logain examinou a estrada na direção de Fontes de Kore. — Vejo um rebanho de ovelhas e dois garotos vindo em nossa direção. Hora de ir. Eles vão espalhar a notícia sobre o que aconteceu tão rápido quanto conseguirem correr. — Sentando-se de novo na sela, ele olhou para Joni, ainda deitado e inconsciente. — Os garotos vão providenciar socorro para este sujeito. Acho que não acertei forte o bastante para machucar gravemente.

Min balançou a cabeça. Aquele homem não parava de surpreendê-la. Ela jamais imaginaria que Logain dedicaria um segundo sequer de atenção a um homem cuja cabeça ele acabara de quebrar.

Suan e Leane não perderam tempo e se acomodaram nas selas de cepilho alto, Leane na égua cinzenta que chamava de Flor da Lua, e Suan em Bela, a fêmea pequena e desgrehada. Suan, que de amazona não tinha nada, penou um pouco mais para ficar confortável e, após várias semanas de montaria, ainda tratava a mansa Bela como um temível animal de guerra. Por sua vez, Leane manejava Flor da Lua sem o menor esforço. Min sabia que estava em algum ponto

intermediário, já que montara Rosa Selvagem, sua égua avermelhada, com graça consideravelmente maior que a de Suan, porém menor que a de Leane.

— Acha que ele vai vir atrás da gente? — conjecturou Min enquanto o grupo começava a trotar rumo ao sul, afastando-se de Fontes de Kore. A pergunta fora dirigida a Suan, mas foi Logain quem a respondeu.

— O Lorde? Duvido que considere vocês tão importantes assim. Ele pode mandar um emissário, claro, e certamente vai espalhar a descrição das três. Vamos cavalgar o máximo possível hoje e amanhã. — Parecia que Logain estava assumindo o comando.

— Não somos tão importantes assim — retrucou Suan, balançando precariamente na sela. Ela podia até estar ressabiada com Bela, mas o olhar que dirigia às costas de Logain indicava que o desafio do homem à sua autoridade não duraria muito.

No que lhe cabia, Min torcia para que Bryne realmente não as considerasse importantes. O que era provável. Desde que jamais descobrisse seus nomes verdadeiros. Quando Logain acelerou o trote do garanhão, ela forçou Rosa Selvagem a acompanhar o ritmo e concentrou os pensamentos no que estava por vir, não no que ficara para trás.

Prendendo as luvas de couro no cinturão da espada, Gareth Bryne pegou o chapéu de veludo com aba dobrada que estava na escrivaninha. A peça era a última moda em Caemlyn. Caralin se certificara disso. Ele não ligava para moda, mas ela acreditava que Bryne deveria se vestir de acordo com sua posição, e o que a mulher separava para ele pela manhã eram sedas e veludos.

Conforme ajustava o chapéu de copa alta na cabeça, Bryne espiou seu reflexo sombreado em uma das janelas do gabinete. Fazia sentido que a peça fosse muito delicada e esvoaçante. Podia estreitar os olhos o quanto fosse, mas o chapéu e o casaco cinza, com bordados prateados nas mangas e na gola, não se pareciam nem um pouco com o elmo e a armadura com que estava acostumado. Aquilo era coisa do passado. Já isto... isto era algo para preencher as horas vagas. Apenas isso.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Lorde Gareth?

Da janela, o homem se virou para o local onde estava Caralin, ao lado da própria escrivaninha, no extremo oposto da dele e tomada pelos livros de registro da propriedade. Ela administrara o patrimônio durante todos os anos em que o lorde estivera ausente e, sem dúvida, ainda se saía melhor que ele na função.

— Se tivesse decidido que elas iriam trabalhar para Admer Nen, como manda a lei — continuou ela —, nada disso seria problema seu.

— Mas minha decisão foi outra — respondeu Bryne. — E faria o mesmo, se tivesse que julgá-las outra vez. Você sabe tão bem quanto eu que Nen e todos os homens daquela família tentariam acuar aquelas garotas dia e noite. Além disso, Maigan e as outras transformariam a vida das três no Poço da Perdição, isso se as garotas não caíssem acidentalmente em um poço e se afogassem.

— Nem Maigan recorreria a um poço — opinou Caralin secamente. — Não com o tempo do jeito que está. Mesmo assim, entendo seu ponto, Lorde Gareth. Mas elas já tiveram a maior parte de um dia e uma noite inteira para fugir em qualquer direção. Se espalhar notícias sobre a fuga, o senhor vai encontrar as três logo. Isso se puderem ser localizadas.

— Thad consegue rastreá-las. — Com seus mais de setenta anos, Thad ainda conseguia seguir a trilha do vento do dia anterior sobre pedras nuas, e à luz do luar. E andava felicíssimo de passar a olaria ao filho.

— Se o senhor diz, Lorde Gareth. — A relação entre Caralin e Thad não era boa. — Bem, quando o senhor as trouxer de volta, com certeza tenho uso para elas na casa.

Alguma coisa no tom dela, algo muito natural, despertou a atenção de Bryne. Um toque de satisfação. Praticamente desde o dia em que ele chegara em casa, Caralin trouxera para a propriedade uma sucessão de belas criadas e camponesas, todas bastante dispostas a ajudar o Lorde a se esquecer de seus infortúnios.

— As três quebraram um juramento, Caralin. Temo que, para elas, só restem os campos.

Um aperto leve e exasperado dos lábios da mulher confirmou as suspeitas de Bryne, mas Caralin manteve o tom de voz indiferente.

— As outras duas, talvez, Lorde Gareth, mas a graciosidade da garota domanesa seria um desperdício nos campos. Ela ficaria ótima servindo à mesa. É uma jovem incrivelmente bonita. Em todo caso, será como o senhor ordenar, claro.

Então era aquela a escolhida de Caralin. Uma jovem incrivelmente bonita, de fato. Porém, estranhamente diferente das demais domanesas que Bryne já conhecera. Um pouco hesitante aqui, apressada demais ali. Como se estivesse tentando seus talentos pela primeira vez. Isso era impossível, claro. As domanesas treinavam as filhas para fazer os homens comerem em suas mãos quase que desde o berço. Não que aquela garota não tivesse conseguido mexer com ele, admitia. Se Caralin a tivesse apresentado a ele misturada entre as camponesas... Incrivelmente bonita.

Sendo assim, por que não era o rosto dela que não parava de lhe vir à mente? Por que se via pensando em um par de olhos azuis? Ela o desafiara como se desejasse ter uma espada e, mesmo amedrontada, recusara-se a sucumbir ao medo. Mara Tomanes. O Lorde tivera certeza de que ela era do tipo que honraria a palavra, mesmo sem fazer juramentos.

— Vou trazê-la de volta — murmurou para si mesmo. — Vou descobrir por que ela quebrou o juramento.

— Como quiser, milorde — anuiu Caralin. — Pensei que ela daria uma boa camareira para o seu quarto. Sella está ficando um pouco velha para subir e descer as escadas para atendê-lo durante a noite.

Bryne piscou para ela. O quê? Ah, a garota domanesa. A tolice de Caralin o fez balançar a cabeça. Mas será que era menos tolo do que ela? Bryne era o lorde local e deveria permanecer ali para cuidar de seu povo. No entanto, Caralin fizera isso melhor do que ele durante todos os anos que passara fora. O Lorde entendia de campos, soldados e campanhas, e talvez soubesse um pouco sobre como se virar entre as intrigas da corte. A mulher estava certa. Ele deveria esquecer a espada e aquele chapéu idiota e deixar Caralin escrever as descrições das garotas e...

Em vez disso, Bryne disse:

— Tome cuidado com Admer Nen e sua família. Eles vão tentar enganar você o máximo que puderem.

— Como quiser, milorde. — As palavras dela foram impecavelmente respeitadas, mas o tom de voz dizia a ele para ir ensinar o avô a tosquiar ovelhas. Rindo sozinho, o homem saiu.

A sede da propriedade era pouco mais que uma casa de fazenda maior que o normal, com dois andares de tijolo e pedras sob um telhado de ardósia, e fora ampliada inúmeras vezes por várias gerações de Bryne. A Casa Bryne era proprietária daquelas terras — ou as terras eram donas dos Bryne — desde que Andor fora forjada a partir dos destroços do império de Artur Asa-de-gavião, mil anos antes. E, desde então, os Bryne haviam enviado seus filhos para lutar nas guerras andorianas. Ele não lutaria nenhuma outra guerra, mas era tarde demais para a Casa Bryne. Houvera guerras demais, batalhas demais, e ele era o último da linhagem. Nenhuma esposa, filho ou filha. A linhagem se encerrava nele. Tudo chegava ao fim; a Roda do Tempo girava.

No pátio pavimentado com pedras bem à frente da sede da propriedade, vinte homens aguardavam ao lado de cavalos encilhados. Em sua maioria, homens mais grisalhos que Bryne, isso quando ainda tinham cabelos. Todos

soldados experientes, antigos integrantes e líderes de esquadrões, além de porta-estandartes que haviam servido ao lado dele em um momento ou outro da carreira. Joni Shagrin, que fora Porta-Estandarte Sênior das Guardas, estava logo à frente com uma bandagem na cabeça, embora Bryne soubesse que as filhas dele haviam enviado os próprios filhos para substituí-lo com a intenção de mantê-lo em repouso. Joni era um dos poucos que tinha família, ali ou em qualquer outro local. A maioria escolhera vir e voltar a servir Gareth Bryne, em vez de gastar todo o dinheiro das pensões bebendo e contando histórias que só outro velho soldado gostaria de ouvir.

Todos carregavam espadas presas aos cinturões dos casacos, e alguns haviam se armado de compridas lanças com ponta de aço que, até aquela manhã, tinham passado muitos anos penduradas na parede. Todas as selas estavam equipadas com um cobertor enrolado, além de gordos alforjes, uma panela ou chaleira e bolsas cheias d'água. Parecia que o grupo estava partindo rumo a uma campanha, e não para uma viagem de uma semana em busca das três mulheres que haviam ateado fogo a um estábulo. Uma chance de reviver os velhos tempos, ou ao menos de fazer de conta.

Bryne se perguntou se era aquilo que o estava motivando. Ele certamente era velho demais para sair em cavalgada atrás dos lindos olhos de uma garota que tinha idade para ser sua filha. Talvez neta. *Não sou tão tolo assim*, disse a si mesmo, com firmeza. Caralin administraria melhor as coisas sem ele se intrometendo.

Um esguio baio castrado veio galopando em meio aos carvalhos que ladeavam o caminho para a estrada, e o cavaleiro que o conduzia saltou da sela antes de o animal parar totalmente. O homem se desequilibrou um pouco, mas ainda conseguiu pôr o punho sobre o coração, fazendo a devida saudação a Bryne. Barim Halle, que servira o Lorde anos antes como integrante sênior de esquadrão, era rijo e forte, e sua cabeça mais lembrava um ovo, com sobrançelas brancas que pareciam querer compensar a ausência de cabelo.

— O senhor foi chamado a Caemlyn outra vez, meu Capitão-General? — perguntou ele, ofegante.

— Não — respondeu Bryne, exageradamente incisivo. — Onde você estava com a cabeça ao vir cavalgando até aqui como se tivesse toda a cavalaria cairhiena na cola? — Alguns dos outros cavalos estavam se agitando, contagiados pelo estado de espírito do castrado.

— Não ia cavalgar rápido assim, milorde, a não ser que nós estivéssemos perseguindo eles. — O sorriso de Barim desapareceu quando o homem viu que Bryne não estava achando graça. — Bem, Lorde Bryne, eu vi os cavalos e achei

que... — Ele voltou a olhar para Bryne e interrompeu o raciocínio. — Na verdade, bem, também escutei umas histórias... Fui até Nova Braem para ver minha irmã e ouvi cada coisa...

Nova Braem era mais velha que Andor — a “velha” Braem fora destruída nas Guerras dos Trollocs, mil anos antes de Artur Asa-de-gavião — e era um bom lugar para ouvir histórias. De tamanho mediano, era uma cidade de fronteira bem a leste das terras de Bryne, na estrada entre Caemlyn e Tar Valon. Mesmo com o comportamento atual de Morgase, os mercadores mantinham a estrada movimentada.

— Bem, então desembuche, homem. Se há notícias, quais são?

— Hum, estou tentando ver por onde começo, milorde. — Inconscientemente, Barim endireitou-se, como se fosse passar a ele um relatório. — O mais importante, acho, é que estão dizendo que Tear caiu. Os Aiel conquistaram a Pedra, e a Espada Que Não Pode Ser Tocada foi tocada, sim. Dizem que alguém empunhou a espada.

— Um Aiel a empunhou? — questionou Bryne, incrédulo.

Um Aiel preferiria morrer a tocar uma espada. Ele vira isso acontecer na Guerra dos Aiel. Apesar de dizerem que *Callandor* não era, de fato, uma espada. Fosse lá o que isso significasse.

— Não disseram, milorde. Escutei alguns nomes. Um tal de Ren alguma coisa. Mas falavam como se fosse verdade, não boato. Como se todo mundo soubesse.

Bryne franziu a testa. Caso fosse verdade, era um problema dos mais sérios. Se *Callandor* tivesse sido empunhada, então o Dragão havia Renascido. De acordo com as Profecias, aquilo indicava que a Última Batalha se aproximava, que o Tenebroso estava se libertando. O Dragão Renascido salvaria o mundo, afirmavam as Profecias. E o destruiria. Essa, por si só, era uma notícia capaz de fazer Halle sair galopando, se ele parasse para pensar a respeito.

Porém, o sujeito com cabeça de ovo ainda não terminara.

— As novas de Tar Valon são quase tão importantes, milorde. Dizem que o Trono de Amyrlin tem uma nova dona. É Elaida, milorde, a antiga conselheira da Rainha. — Halle apressou-se em seguir com o assunto. Morgase era um terreno proibido, e todos os homens ali sabiam disso, mesmo que Bryne nunca tivesse dito. — Dizem que a antiga Amyrlin, Sivan Sanche, foi estancada e executada. E Logain também morreu. Aquele Dragão falso que elas pegaram e amansaram no ano passado. Falaram como se fosse verdade, milorde. Tinha gente dizendo que estava em Tar Valon quando tudo aconteceu.

Logain não era muito importante, mesmo que tivesse desencadeado uma guerra em Ghealdan por afirmar que era o Dragão Renascido. Houvera vários falsos Dragões nos últimos anos. Ele, porém, era capaz de canalizar, isso era fato. Até as Aes Sedai o amansarem. Bom, ele não fora o primeiro homem a ser capturado e amansado, apartado do Poder de modo a nunca mais conseguir canalizar. Diziam que homens assim não viviam muito tempo, fossem eles falsos Dragões ou meros pobres-coitados que caíram nas mãos da Ajah Vermelha. Dizia-se que eles perdiam toda vontade de viver.

Siuan Sanche, porém, era uma notícia e tanto. Bryne a conhecera cerca de três anos antes. Uma mulher que exigia obediência e não dava justificativas. Durona feito uma bota velha, dona de uma língua afiada como uma lima e o temperamento de um urso com dor de dente. Era de se esperar que ela dilacerasse qualquer pretendente oportunista, membro após membro, com as próprias mãos. Estancar uma mulher era a mesma coisa que amansar um homem, mas bem mais raro. Especialmente para uma ocupante do Trono de Amyrlin. Em três mil anos, pelo menos no que a Torre admitia, apenas duas das Amyrlin tinham padecido desse destino, embora fosse possível que as Aes Sedai tivessem escondido outras duas dezenas. A Torre era muito boa em esconder o que quisesse. No entanto, uma execução após um estancamento parecia desnecessária. Dizia-se que as mulheres não viviam mais depois de estancamentos do que os homens depois de amansamentos.

Tudo aquilo cheirava a confusão. Todos sabiam que a Torre possuía alianças secretas, conexões com tronos e lordes e damas poderosos. Com uma nova Amyrlin ascendida dessa maneira, decerto haveria quem tentasse testar se as Aes Sedai continuavam alertas. E, uma vez que esse sujeito de Tear subjugasse qualquer oponente — não que fosse haver muita oposição, caso ele tivesse mesmo conquistado a Pedra —, avançaria em direção a Illian ou Cairhien. A questão era: com que velocidade conseguiria avançar? Forças se uniriam contra ele, ou a favor? Ele devia ser o verdadeiro Dragão Renascido, mas as Casas se alinhariam dos dois lados, e o povo também. E se surgissem briguinhas porque a Torre...

— Velho tolo — murmurou o Lorde. Ao ver que Barim se assustou, explicou: — Não você. Outro velho tolo.

Nada daquilo ainda era da conta dele, exceto decidir, quando chegasse a hora, a que lado a Casa Bryne se aliaria. Não que alguém desse a mínima, a não ser para saber se o atacaria ou não. A Casa Bryne nunca fora grande ou poderosa.



— Então, milorde? — Barim deu uma olhada para os homens que aguardavam em seus cavalos. — Acha que pode precisar de mim, milorde?

Sem nem perguntar onde ou por quê. Ele não era o único que estava entediado com a vida no campo.

— Alcance nosso grupo quando terminar de organizar seu equipamento. A princípio, vamos seguir em direção ao sul pela Estrada dos Quatro Reis.

Barim o saudou e partiu, puxando o cavalo logo atrás.

Montando na sela, Bryne fez um gesto indicando que partissem, e os homens formaram colunas de duplas atrás dele à medida que começaram a percorrer o caminho ladeado por carvalhos. Ele queria respostas. E as teria, nem que precisasse pegar a tal Mara pela nuca e sacudi-la até conseguir.

A Grã-lady Alteima relaxou quando os portões do Palácio Real de Andor se abriam para a entrada de sua carruagem. Não tinha certeza de que isso aconteceria. Demorara bastante para conseguir que um bilhete fosse levado até lá, por certo, e mais ainda para receber uma resposta. Sua criada, uma garota magrela adquirida ali mesmo em Caemlyn, olhava tudo com atenção e, animada por estar entrando no palácio, só faltava pular no assento em frente.

Abrindo o leque de renda, Alteima tentou se refrescar. Faltava um bocado para o meio-dia, e o calor ainda pioraria bem mais. E pensar que ela sempre imaginara Andor como um lugar fresco. Às pressas, revisou uma última vez o que pretendia dizer. Era uma mulher bonita — e sabia exatamente quanto —, com grandes olhos castanhos que faziam alguns pensarem, de maneira equivocada, que era inocente, até inofensiva. Alteima tinha noção de que não era nada daquilo, mas lhe convinha bastante que os outros pensassem assim. Sobre tudo ali, e naquele dia. Sua carruagem transportara quase todo o ouro que a lady conseguira pegar ao fugir de Tear. Se quisesse se restabelecer, precisaria de amigos poderosos, e não havia ninguém mais poderoso em Andor do que a mulher com quem viera se encontrar.

O veículo parou próximo a uma fonte em um pátio cercado de colunas, e um serviçal com uniforme vermelho e branco apressou-se para abrir a porta. Alteima mal olhou para o pátio ou para o homem que a atendeu. Seu pensamento estava todo na reunião de logo mais. Seus cabelos negros se derramavam até o meio das costas, brotando de uma touca adornada com pequenas pérolas, e mais pérolas se enfileiravam nas preguinhas do vestido de gola alta de seda verde-água. Certa vez, cinco anos antes, durante uma visita oficial, ela se encontrara rapidamente com Morgase. Era uma mulher que irradiava

poder, tão reservada e majestosa quanto se esperaria de uma rainha, e seus modos andorianos eram perfeitos. O que significava que era bastante formal. Corriam boatos pela cidade de que tinha um amante, um homem aparentemente não muito admirado, e aquilo, claro, não pegava nada bem. Entretanto, pelo que Alteima lembrava, a formalidade do vestido — e a gola alta — deveria agradecer Morgase.

Tão logo as sandálias da lady tocaram com firmeza as pedras do pavimento, a criada, Kara, pulou para fora e começou a ajustar o caimento das pregas do vestido. Isso até Alteima fechar o leque e bater com ele no punho da garota. Um pátio não era lugar para aquilo. Kara — que nome idiota — se encolheu e apertou o punho com uma expressão magoada e os olhos cheios de lágrimas.

Irritada, Alteima apertou os lábios. A garota mal sabia receber uma repreensão leve. Estiveram se enganando: aquela jovem não daria conta, era nitidamente destreinada. Mas uma lady precisava de uma criada, especialmente se quisesse se diferenciar da massa de refugiados em Andor. Vira homens e mulheres trabalhando sob o sol e até pedindo esmolas nas ruas, todos trajando o que restara das vestimentas de nobres cairhienos. Alteima pensou reconhecer uma ou duas pessoas, e talvez devesse oferecer serviço a uma delas. Quem saberia mais sobre os deveres da criada de uma lady do que uma própria lady? Além do mais, se já tinham sido rebaixados a fazer trabalhos braçais, agarrariam a oportunidade com unhas e dentes. Poderia ser divertido ter uma antiga “amiga” como criada. Para aquela ocasião, no entanto, era tarde demais. E uma criada destreinada, uma garota local, demonstrava com muita clareza que Alteima estava no limite de seus recursos, a apenas um passo de se tornar, ela própria, uma mendiga.

Fez uma expressão que demonstrava gentileza e preocupação.

— Machuquei você, Kara? — perguntou com doçura. — Fique aqui na carruagem e cuide do seu braço. Tenho certeza de que alguém virá lhe trazer água fresca. — A insensata gratidão no rosto da garota era estarrecedora.

Os homens uniformizados, bem-treinados, ficaram parados olhando para o nada. Ainda assim, se Alteima sabia alguma coisa sobre serviçais, as fofocas sobre sua gentileza se espalhariam.

Um jovem alto surgiu diante dela, trajando o manto vermelho de gola branca e a armadura lustrosa da Guarda da Rainha. Ele se curvou, uma das mãos no punho da espada.

— Sou o Guarda-Tenente Tallanvor, Grã-lady. Se fizer a gentileza de me acompanhar, escoltarei a senhora até a Rainha Morgase. — O rapaz lhe ofereceu

o braço, e ela aceitou, única atenção que rendeu a ele. Não tinha o menor interesse em soldados, a não ser que fossem generais e lordes.

Enquanto Tallanvor a guiava por amplos corredores repletos de homens e mulheres uniformizados andando para lá e para cá — todos tratando de não ficar em seu caminho, claro —, a lady examinou com discrição as belas tapeçarias nas paredes, os baús e as cômodas de marfim incrustado, as bandejas e os vasos com acabamento em ouro e prata, além das delicadas porcelanas do Povo do Mar. O Palácio Real não exibia tanta riqueza quanto a Pedra de Tear, mas Andor ainda era uma terra rica, talvez até tão rica quanto Tear. Um lorde com mais idade cairia bem, maleável nas mãos de uma mulher ainda jovem, e já um pouco fraco e vulnerável. E com vastas terras. Seria um bom começo, enquanto ela tratava de descobrir exatamente como funcionava o poder em Andor. Um poucas palavras trocadas com Morgase alguns anos antes não serviriam muito como apresentação, mas Alteima possuía o que uma rainha poderosa sempre desejava e necessitava: informações.

Por fim, Tallanvor a conduziu a uma ampla sala de estar de teto alto pintado com pássaros e nuvens em um céu azul, onde cadeiras douradas ricamente entalhadas repousavam em frente a uma lareira de mármore branco polido. Alteima notou, com prazer, que o grande tapete vermelho e dourado era uma peça tai-rena. O rapaz apoiou-se em um joelho:

— Minha Rainha — disse ele, a voz subitamente áspera —, conforme suas ordens, apresento a Grã-lady Alteima, de Tear.

Morgase acenou para que o rapaz saísse.

— Você é bem-vinda aqui, Alteima. É bom vê-la novamente. Sente-se, e conversaremos.

Alteima fez uma reverência e murmurou agradecimentos antes de escolher uma cadeira. A inveja a consumia por dentro. Lembrava-se de Morgase como uma mulher bonita, mas a realidade daqueles cabelos dourados mostrou como sua memória era desbotada. Morgase era uma rosa completamente desabrochada, pronta para ofuscar qualquer outra flor. Alteima não culpava o jovem soldado por ter tropeçado ao sair. Estava contente por ele ter ido, assim não ficaria consciente de olhar do rapaz comparando-as.

Contudo, também havia diferenças. Grandes diferenças. Morgase, pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grã-Trono da Casa Trakand, tão reservada, majestosa e formal, trajava um vestido de seda branca cintilante com um decote grande o bastante para chocar uma taberneira do Maule, e que era tão justo nos quadris e nas coxas que ficaria bem

em uma taraboniana oferecida. Os boatos, claramente, eram verdade: Morgase tinha um amante. E, para ter se transformado tanto, também estava claro que *ela* queria agradar o tal Gaebriel, e não o contrário. Morgase ainda emanava um poder e uma presença que preenchiam o ambiente, mas aquele vestido ofuscava as duas coisas.

Alteima ficou duplamente satisfeita por estar usando gola alta. Uma mulher tão profundamente dominada por um homem poderia ter um rompante de ciúme com a menor das provocações, ou até sem nenhuma. Se fosse apresentada a Gaebriel, demonstraria o máximo de indiferença que a civilidade permitisse. Uma mera suspeita de *pensar* em roubar o amante de Morgase poderia lhe render o nó de uma forca, e não um marido rico já mal das pernas. Ela própria teria feito o mesmo.

Uma mulher de uniforme vermelho e branco trouxe vinho, um murandiano excelente, e o serviu em cálices de cristal entalhados com o Leão de Andor. Quando Morgase pegou um dos cálices, Alteima notou o anel, uma serpente de ouro engolindo a própria cauda. O anel da Grande Serpente era usado por algumas mulheres que haviam treinado na Torre Branca, como Morgase, mas que não haviam se tornado Aes Sedai, e também pelas próprias Aes Sedai. Era uma tradição milenar que as Rainhas de Andor fossem treinadas na Torre. Mas os rumores mais fortes falavam de um rompimento entre Morgase e Tar Valon, e o sentimento anti-Aes Sedai que se via nas ruas poderia ter sido abafado rapidamente caso Morgase assim quisesse. Por que ela ainda estava usando o anel? Até descobrir a resposta, Alteima mediria muito bem suas palavras.

A mulher de uniforme afastou-se para o canto da sala, longe demais para ouvir qualquer coisa, mas perto o bastante para perceber quando o vinho deveria ser servido outra vez.

Dando um gole, Morgase começou a conversa.

— Faz tempo desde que nos vimos. Seu marido está bem? Está em Caemlyn com você?

Alteima mudou de estratégia às pressas. Não imaginara que Morgase saberia que era casada, mas sempre tivera a capacidade de repensar rápido as coisas.

— Tedosian estava bem na última vez em que o vi. — Quisera a Luz que morresse logo. Até para que a vida dela continuasse. — Ele andava em dúvida quanto a servir esse Rand al'Thor, e é perigoso ficar em cima desse muro. Ora, lordes vêm sendo enforcados como se fossem criminosos comuns.

— Rand al'Thor — divagou Morgase, com a voz suave. — Eu o conheci, certa vez. Não parecia o tipo que se autoproclamaria o Dragão Renascido. Um

jovem pastor assustado tentando não demonstrar medo. Embora, pensando bem, ele parecesse estar procurando... uma saída. — Os olhos azuis da Rainha se ensimesmaram. — Elaida me alertou sobre ele. — Ela pareceu dizer essas últimas palavras sem nem perceber.

— Então Elaída era sua conselheira? — perguntou Alteima, com cautela. Sabia que sim, o que tornava os boatos de um rompimento ainda mais difíceis de engolir. Precisava saber se era verdade. — Agora que ela é a Amyrlin, você a substituiu?

Os olhos de Morgase voltaram ao normal.

— Claro que não! — No instante seguinte, sua voz se suavizou novamente. — Minha filha, Elayne, está em treinamento na Torre. Ela já foi elevada a Aceita.

Alteima agitou o leque, torcendo para que o suor não brotasse em sua testa. Se Morgase não compreendia os próprios sentimentos com relação à Torre, não havia nada seguro a dizer. Os planos de Alteima fraquejavam à beira de um precipício.

Foi quando Morgase resgatou não só os planos, mas a própria lady.

— Você disse que seu marido estava dividido quanto a Rand al'Thor. E você?

Alteima quase suspirou de alívio. Morgase podia até estar se comportando como uma camponesa deselegante no que se referia ao tal Gaebriel, mas seu juízo permanecia intacto quando o assunto era poder e potenciais perigos ao seu reino.

— Claro que eu o observei de perto na Pedra. — Aquilo deveria plantar a semente, se é que ela precisava ser plantada. — O homem consegue canalizar, e um homem com essa capacidade sempre deve ser temido. Além disso, ele é o Dragão Renascido. Não há dúvida. A Pedra foi tomada e, na ocasião, *Callandar* estava nas mãos dele. As Profecias... Temo que deva deixar a decisão do que fazer quanto ao Dragão Renascido para aqueles que são mais sábios que eu. Só sei que estou com medo de permanecer em um local comandado por ele. Nem uma Grã-lady de Tear é capaz de rivalizar com a coragem da Rainha de Andor.

A mulher de cabelos dourados lhe devolveu um olhar que a deixou receosa de ter exagerado na bajulação. Algumas pessoas não gostavam de ser elogiadas de maneira muito escancarada. Morgase, no entanto, só fez se inclinar na cadeira e tomar um gole de vinho.

— Me fale mais sobre ele, sobre esse homem que, supostamente, vai nos salvar, mas também nos destruir durante o processo.

Sucesso. Ou, pelo menos, um princípio.

— Ele é um homem perigoso, e não só pelo que consegue fazer com o Poder. Um leão parece estar com preguiça, sonolento, até que ataca de repente, pura força e velocidade. Rand al'Thor aparenta ser inocente, não preguiçoso, e ingênuo, não sonolento, mas, quando ataca... Ele não tem o menor respeito por pessoas nem posições. Não exagerei quando disse que já enforcou lordes. É um semeador da anarquia. Em Tear, sob suas novas leis, até um Grão-lorde ou uma Grã-lady podem ser convocados perante um magistrado para receber multas ou, pior ainda, ser acusados pelos camponeses ou pescadores mais baixos. Ele...

Alteima se manteve absolutamente fiel ao que acreditava ser verdade. Quando necessário, era capaz de dizer verdades tão rápido quanto mentia. Morgase bebericava o vinho e escutava. A lady poderia ter pensado que ela estava apenas relaxando de modo indolente, mas os olhos da Rainha demonstravam que assimilava e guardava cada palavra.

— A senhora precisa entender — concluiu Alteima — que só falei o básico. Rand al'Thor e o que ele tem feito em Tear são assunto para muitas horas.

— Você terá essas horas — afirmou Morgase, e Alteima sorriu internamente. Sucesso. — É verdade — continuou a Rainha — que ele trouxe Aiel consigo até a Pedra?

— Ah, sim. Grandes selvagens que passam metade do tempo com os rostos cobertos. Até as mulheres estão prontas para matar a qualquer momento. Eles os seguiam feito cães, aterrorizando a todos, e levaram da Pedra o que bem entenderam.

— Pensei que não passasse do mais absurdo dos boatos — refletiu Morgase. — Muitos rumores têm surgido neste último ano, mas faz duas décadas que eles não saem do Deserto, desde a Guerra dos Aiel. O mundo certamente não precisa desse Rand al'Thor trazendo os Aiel de volta. — O olhar da Rainha voltou a se aguçar. — Você disse “seguiam”. Eles foram embora?

Alteima assentiu.

— Pouco antes de eu deixar Tear. E al'Thor foi com eles.

— Com eles! — exclamou Morgase. — Eu temia que ele já estivesse em Cairhien neste exato...

— Recebendo visita, Morgase? Eu deveria ter sido informado. Assim, poderia cumprimentá-la.

Um homem grande e alto adentrou a sala, seu manto vermelho com bordados em ouro cobrindo os ombros enormes e o peito avantajado. Alteima não precisou ver o olhar radiante no rosto de Morgase para saber que se tratava de Lorde Gaebriel. A segurança com que o sujeito interrompera a Rainha já dizia

tudo. Ele ergueu um dedo, e a serviçal fez uma reverência e se retirou rapidamente. O homem também não pedia permissão a Morgase para dispensar suas próprias serviçais. Era dono de uma beleza incrível, sombria, e rajadas de branco lhe cobriam as têmporas.

Fazendo uma expressão de descaso, Alteima providenciou um sorriso que não chegava a ser acolhedor, mais adequado a um tio idoso que não possuísse nem poder, nem riqueza, nem influência. Aquele homem podia até ser bem bonito, mas, mesmo que não pertencesse a Morgase, não era do tipo que ela tentaria manipular, a menos que por absoluta necessidade. A aura de poder em torno dele talvez fosse maior até que a da Rainha.

Gaebril se pôs ao lado de Morgase e, com toda a naturalidade, pousou a mão no ombro nu da mulher. A Rainha chegou muito perto de repousar a bochecha no dorso da mão dele, mas os olhos do homem estavam fixos em Alteima. A lady estava acostumada a ter homens encarando-a, mas aqueles olhos a deixavam nervosa. Eram penetrantes demais, viam coisas demais.

— Você vem de Tear? — O som profundo da voz do homem lhe causou formigamentos por todo o corpo. A sensação em sua pele, e até nos ossos, era a de que havia sido mergulhada em água gelada, mas, estranhamente, sua ansiedade momentânea se derreteu.

Quem respondeu foi Morgase. Alteima parecia não conseguir encontrar a própria língua com aquele homem a encarando.

— Esta é a Grã-lady Alteima, Gaebril. Ela estava me contando sobre o Dragão Renascido. Alteima estava presente quando a Pedra de Tear foi tomada. Gaebril, realmente havia Aiel... — A pressão da mão dele interrompeu o raciocínio da Rainha. A irritação cintilou no rosto da mulher, mas logo foi substituída por um sorriso caloroso para o amante.

Os olhos de Gaebril, ainda em Alteima, voltaram a lhe provocar arrepios. Desta vez, ela arfou ruidosamente.

— Conversar tanto deve ter lhe fatigado, Morgase — comentou o recém-chegado, sem desviar o olhar. — Você anda muito ocupada. Vá para seu quarto e durma. Agora. Vou acordá-la quando você tiver descansado o bastante.

Morgase levantou-se na mesma hora, ainda sorrindo para Gaebril em devoção. Seus olhos pareciam levemente vidrados.

— É, estou cansada. Vou tirar um cochilo, Gaebril.

A Rainha deslizou para fora da sala, sem jamais dirigir o olhar a Alteima, cuja atenção estava toda em Gaebril. Seu coração batia mais rápido, a respiração acelerara. Aquele era, sem dúvida, o homem mais bonito que ela já tinha visto. O

maior, mais forte, mais poderoso... Os superlativos lhe inundavam os pensamentos feito uma enchente.

A atenção que Gaebriel prestou para a saída de Morgase foi menor que a de Alteima. Sentando-se na cadeira que a Rainha desocupara, ele se recostou com as botas à frente.

— Me diga por que veio a Caemlyn, Alteima. — Uma vez mais, um arrepio lhe percorreu o corpo. — Quero a verdade absoluta, mas seja breve. Depois você pode me dar mais detalhes, caso eu lhe peça.

Ela não hesitou.

— Tentei envenenar meu marido e tive que fugir antes que Tedosian e Estanda, aquela meretriz, pudessem me matar, ou pior. A intenção de Rand al'Thor era deixar eles fazerem isso, para servir de exemplo. — Contar aquilo a fez se encolher. Não por ser uma verdade que quisesse esconder, e sim porque Alteima percebeu que, mais que tudo no mundo, desejava agradá-lo, e temia que Gaebriel pudesse mandá-la embora. E ele havia pedido a verdade. — Escolhi Caemlyn porque não suportaria Illian, e apesar de Andor estar pouco melhor, Cairhien está praticamente em ruínas. Em Caemlyn, posso encontrar um marido rico, ou que queira me proteger, caso haja necessidade, e use seu poder para...

Dando uma risada, Gaebriel a interrompeu com um aceno.

— Uma gatinha perversa, embora bonita. Talvez bonita o suficiente para que eu fique com ela, mas com dentes e garras a postos. — De repente, seu rosto ficou mais resolutivo. — Me conte o que sabe a respeito de Rand al'Thor, especialmente dos amigos dele, se é que existem, e também sobre os companheiros e aliados.

Ela contou tudo, falando até a boca e a garganta secarem e a voz começar a falhar e ficar rouca. Alteima só levava o cálice à boca quando Gaebriel a mandava beber. Então, engolia o vinho e continuava a falar. Ela o agradaria. E mais do que Morgase poderia imaginar.

As criadas que trabalhavam nos aposentos de Morgase fizeram reverências apressadas, surpresas por vê-la ali no meio da manhã. Acenando para que saíssem do recinto, a Rainha deitou-se na cama, ainda de vestido. Por um tempo, ficou deitada observando os entalhes dourados nas colunas do dossel. Nada de Leões de Andor ali, e sim rosas. Era por conta da Coroa de Rosas de Andor, mas rosas de fato combinavam mais com ela do que leões.

*Pare de ser teimosa*, repreendeu-se a Rainha, depois se perguntou por quê. Dissera a Gaebriel que estava cansada e... Ou ele dissera a ela? Impossível. Ela



era a Rainha de Andor, e homem nenhum a mandava fazer o que fosse. *Gareth*. E por que pensara em Gareth Bryne? Ele certamente nunca a mandara fazer nada. O Capitão-General da Guarda da Rainha obedecia à Rainha, e não o contrário. Mas ele era teimoso, capaz de defender sua opinião até Morgase passar a concordar com ele. *Por que estou pensando nele? Gostaria que Gareth estivesse aqui*. Aquilo era ridículo. Morgase o dispensara porque ele se opusera a ela. Sobre qual assunto já não se lembrava bem, mas isso não era importante. Ele se opusera a ela. Morgase só conseguia se lembrar vagamente dos sentimentos que nutria por ele, como se Bryne tivesse partido há anos. Mas não fazia tanto tempo assim, certo? *Pare de ser teimosa!*

Os olhos da Rainha se fecharam, e ela imediatamente caiu no sono, um sono perturbado por sonhos agitados, em que fugia de algo que não conseguia ver.





## DEPOIS DE UMA PERIGOSA JORNADA AO DESERTO AIEL, RAND SE CONSAGROU COMO AQUELE QUE VEM COM A AURORA, CONFORME PROFETIZADO POR SEU NOVO POVO.

Ter um exército de homens e mulheres extremamente hábeis na batalha deveria ser uma vantagem, mas, conforme se apega aos novos aliados, o Car'a'carn, chefe dos chefes, se sente cada vez mais vulnerável às tramas de seus inimigos.

Enquanto isso, Nynaeve e Elayne perdem aliadas importantes e ganham uma poderosa inimiga. Após a expulsão de Siuan Sanche da Torre Branca, as duas Aceitas devem tentar encontrar as poucas Aes Sedais que continuam fiéis à sua causa. Porém, Moghedien está à espreita, determinada a capturar Nynaeve em sua teia.

Em *As Chamas do Paraíso*, Jordan aprofunda ainda mais seu criativo universo. Antigas instituições caem por terra e novas alianças se formam, pois o Dragão provoca mudanças por onde passa. Heróis lendários se juntam à história no novo volume de *A Roda do Tempo*, uma das mais extraordinárias séries já escritas.

**SAIBA MAIS EM:**

[HTTPS://WWW.INTRINSECA.COM.BR/LIVRO/667/](https://www.intrinseca.com.br/livro/667/)